

FOROS DE ARRÃO

Contributo para a História Da Nossa Terra e da Nossa Gente



Município de Ponte de Sôr

Autores: Carvalho da Rosa, Mónica Monteiro e Paula Velez

Colaboração: Prof. Dr. Luís Vidigal



Junho 2011

Índice

Capítulo I – Evolução dos Museus	5
Capítulo II – O Concelho	10
1. Freguesias	
1.1. Ponte de Sôr	10
1.2. Longomel	13
1.3. Montargil	15
1.4. Galveias	16
1.5. Foros de Arrão	18
1.6. Tramaga	20
1.7. Vale de Açor	21
Capítulo III – Cooperativas da Reforma Agrária	
1. Cooperativas criadas	22
1.1. Cooperativa de Produção Agrícola 19 de Maio de Foros de Arrão	23
1.2. Unidade Colectiva de Produção Agro-pecuária – Cooperativa de Produção Agrária 21 de Maio S.C.A.R.L.	33
1.2.1. História	administrativa
33	
Bibliografia	39

Índice de Anexos

Anexo I – Entrevista completa do Sr. José Maria Felisberto	42
Anexo II – Entrevista Completa da Sra. Albertina	57

Capítulo I – Evolução dos Museus

Se recuarmos ao Paleolítico¹, verificamos que os homens desta época já colecionavam artefactos de todos os tipos. Contudo, este acto ainda tinha um sentido muito distante do de um museu. O mais próximo do conceito moderno de museu surge apenas no segundo milénio a.C., na Mesopotâmia.

A Mesopotâmia localizava-se no Médio Oriente, actualmente é denominada Iraque. Os vários povos antigos habitaram a Mesopotâmia entre o século V e I a.C., foi este povo que desenvolveu a escrita cuneiforme², por volta de 400 a.C. Este povo passou a copiar inscrições mais antigas, para pedras, para que estas contribuíssem para a educação dos mais jovens.

Na Grécia Antiga (mais tarde), os Deuses tinham características humanas e era dada muita importância ao seu culto. As musas também tinham grande importância nesta altura e os templos eram “museus”. Pois, esses templos recebiam muitas oferendas em objectos preciosos ou exóticos, que eram exibidos ao público em troca do pagamento de uma pequena quantia. Em Atenas, por exemplo, ficou famosa a colecção de pinturas que era exposta nas escadarias da Acrópole³ no século V a. C. Por essa altura os romanos aproveitavam fóruns, jardins públicos, templos, teatros e termas para expor colecções públicas muitas vezes reunidas como botins de guerra.

Já no oriente o culto mais frequente já não era o dos Deuses mas sim o culto à personalidade dos reis e heróis. E por essa mesma razão os objectos históricos foram colectados com a função de preservar a memória e os feitos gloriosos dessas mesmas pessoas. Os reis e os heróis eram o símbolo da sua identidade.

O mais famoso museu da Antiguidade foi criado por Ptolomeu Sóter⁴ em Alexandria⁵ por volta do século III a. C. Este museu/biblioteca expunha estátuas de

¹ Período histórico que vai de cerca de 2,5 milhões a.C. até 10000 a.C.

² A palavra cuneiforme provém de dois vocábulos latinos: cuneu, cunha e forma, figura; emprega-se para designar a escrita dos assírios, persas e medos da Ásia Menor.

³ Centro das cidades antigas da Grécia, onde se encontravam as sedes administrativas civis e religiosas

⁴ Rei Egípcio que governou entre os anos 305 e 285 a. C.

⁵ Cidade do Egipto, foi fundada em 334 a. C.

filósofos, objectos astronómicos e cirúrgicos e também um parque Zoobotânico. Esta era uma instituição que primariamente fora uma academia de filosofia e que mais tarde virá a incorporar uma enorme colecção de obras escritas, formando assim a celebre Biblioteca de Alexandria⁶.

Durante a Idade Média⁷ a noção de museu ficou um pouco adormecida, em contrapartida o coleccionismo continuou bem vivo. Os acervos eram, por essa altura, considerados património que poderia vir a ser convertido em divisas caso fosse necessário financiar guerras ou actividades do Estado. Os objectos relacionados ao culto cristão eram acumulados em catedrais e mosteiros. Entre estes objectos poderíamos encontrar relíquias de santos, manuscritos iluminados e aparatosos litúrgicos em metais e pedras preciosas.

Se avançarmos para o Renascimento⁸, entre os séculos XVI e XVII, verificamos que se multiplicam as galerias palacianas. Por esta altura as galerias dedicavam-se à exposição de esculturas e pinturas. Contudo as galerias continuavam, como já referimos anteriormente, no domínio privado, o que as tornava inacessíveis à população em geral. Também por esta altura, foram fundadas muitas sociedades e instituições que reuniram as suas próprias colecções. Podemos dar o exemplo dos Jardins Botânicos de Piso⁹ criado em 1543 e o de Pádua¹⁰ criado em 1545, a Real Sociedade de Londres¹¹ criada em 1660 e a Academia de ciências de Paris¹² criada em 1666.

⁶ Esta foi uma das maiores Bibliotecas do mundo antigo

⁷ A Idade Média foi um período histórico também conhecido como Período Medieval. Este período corresponde à história europeia desde a designação do Império Romano do Ocidente até ao final do século XV. Este período caracteriza-se pela chegada dos povos bárbaros e a expansão do cristianismo.

⁸ O Renascimento foi um período histórico que iniciou no século XV e prolongou-se até ao século XVII. Foi um período que se caracterizou pelo florescimento das artes e por uma renovação nas formas de pensar, há uma redescoberta da filosofia antiga. Houve uma redescoberta da filosofia e com ela surgiu

⁹ O Jardim Botânico de Piso é um jardim que se destina a ser educacional e científico.

¹⁰ O Jardim Botânico de Pádua foi o primeiro jardim botânico universitário a aparecer.

¹¹ A Sociedade Real destina-se a melhorar os conhecimentos naturais e é talvez a mais antiga sociedade existente.

¹² A Academia de Ciências foi fundada por Jean-Baptiste Colbert e pretendia proteger o espírito francês de investigação científica.

Ao encontro desta tendência, em 1671, na Basileia surge o primeiro museu universitário. Mais tarde, em 1683, na Inglaterra surge aquele que é considerado o primeiro museu moderno, o Museu Ashmolean¹³, o seu criador e administrador foi e é a Universidade de Oxford.

Um século depois, surgem novos museus, como o Museu Britânico¹⁴, que foi aberto em Londres no ano de 1759. Já em Paris, no ano de 1793, abre o Museu do Louvre¹⁵. Depois devido ao colonialismo, o exemplo da Europa influenciou outros países do Oriente e da América, começando assim a surgir novos museus.

No século XIX, o museu começou a incluir novas categorias e temas. E deixou de estar apenas ligado ao coleccionismo e passou a enfatizar a exibição e catalogação sistémicas, de novo o coleccionismo privado pela mão de grandes banqueiros e comerciantes (burguesia em ascensão). Os reis e nobres da Europa não ficaram atrás dando um contributo ao coleccionismo. Graças às suas colecções alguns destes coleccionadores tornaram-se celebres. Começaram a ser expostos objectos abrangendo vastos períodos históricos. Por essa altura passou a reservar-se secções para que se pudessem apresentar as conquistas recentes da ciência e da tecnologia. Neste século multiplicaram-se os museus ao ar livre, o primeiro foi o Museu Nórdico¹⁶ em Estocolmo.

No século XX, surge uma crise conceitual dos museus, pois passou-se a criticar o carácter autoritário e conservador dos museus. Por volta da década 70-80 os museus tinham um papel importante no desenvolvimento local, a partir daí procurou-se aprofundar cientificamente a definição e as potencialidades dos museus a nível interdisciplinar e educativo. Depois da reestruturação do conceito, os museus ganharam impulso. Pois passaram a procurar a diversidade cultural e a respeitar a diferença,

¹³ O Museu Ashmolean foi fundado com peças da colecção particular de Elias Ashmolean,

¹⁴ O Museu Britânico foi o primeiro museu gratuito, secular e nacional. Quando foi fundado reunia três colecções : uma de manuscritos medievais de Sir Robert Cotton, manuscritos da colecção de Robert Harley e uma colecção de antiguidades clássicas e medievais, moedas, manuscritos, livros e outras peças de Sir Hans Sloane

¹⁵ O Museu do Louvre abriu a 10 de Agosto de 1793. A entrada era gratuita e a colecção era composta principalmente com pinturas da colecção da família real francesa.

¹⁶ O **Museu Nórdico** encontra-se na ilha Djurgården no Estocolmo. É um museu dedicado à história do povo sueco e também à sua cultura.

deixaram de ser instituições autoritárias para passar a ser comunicadores e impulsionadores do diálogo cultural e da convivência com os outros. Deixou de ser uma Instituição ‘fechada’ e passou a ter actuação em redes e sistemas mostrando a sua importância para o desenvolvimento socioeconómico. Os museus passaram a estar abertos às ideias e problemáticas sociais, deixando de ser instituições destinadas exclusivamente à preservação de objectos e colecções. É por esta altura que se começam a definir conceitos de Museus.

Actualmente, existem várias correntes ideológicas sobre os museus. Existe uma até que afirma que o Mundo é no seu todo um grande museu. Acredita-se que o museu é uma instituição localizada no tempo e no espaço, e por essa razão toda a vida e civilização humana é uma musealização.

A História dos Museus esta intimamente ligada à História do Homem. Numa primeira fase a necessidade de coleccionar objectos e de os salvaguardar para o futuro ter-se-á sobreposto às outras funções do museu. O hábito de coleccionar é que foi o impulsionador do surgimento dos museus. Na Europa, variados museus foram fundados e desenvolvidos a partir de colecções particulares. Nos finais do século XVIII e ao longo do século XIX, novos museus foram sendo criados e com eles surgem também novas colecções, muitas delas compostas por objectos e matérias exóticos trazidas das colónias para a Europa. Os Estados procuravam mostrar o seu poder através dos museus. Vivia-se por esta altura o sentimento Estado – Nação, os governos passaram a ter o dever de assegurar a educação e o bem-estar do povo. Por esse mesmo motivo definia-se, inspirando-se no iluminismo, que a educação deveria ser para todos.

No final do século XIX, os museus eram instituições públicas que não tinham impactos iguais nas pessoas. Contudo defendiam que as pessoas deveriam aprender e ter prazer durante as visitas aos museus. Os museus eram então instituições que se dedicaram e destinaram a educar, por isso mesmo tinham empregados competentes para educar os visitantes.

No início do século XX, nos museus desenvolvia-se mais a conservação e por essa razão a profissão de conservador passou a ter as funções mais relevantes dentro dos museus. Os museus começaram a tomar posição ao lado das Universidades, sendo

instituições de pesquisa e de educação. A questão pedagógica estava presente e explícita nos museus, este facto era visível no Museu Machado de Castro (Coimbra, 1911).

Na década de 30, passou a existir uma nova organização dos museus, estes passaram a estar divididos em três grupos: nacionais, regionais e municipais.

Nesta década foram também publicadas legislações que contemplavam os aspectos administrativos da gestão dos museus e o papel do governo sobre eles. Também por esta altura, foi criado e desenvolvido o «Serviço de Extensão Educativa» no Museu Nacional de Arte Antiga, uma medida pioneira em Portugal. Este exemplo foi seguido por outros museus, o que incentivou à colaboração das escolas com os museus. Nesta época a vertente educativa estava em paralelo com a vertente de conservação dos museus, embora o potencial educativo dos museus fosse limitado, pretendia-se ‘atingir’ preferencialmente o grupo escolar de crianças e adolescentes.

Na década de 60-70 começa a existir uma grande diversidade de tipos de museus. Surgem também algumas soluções bastantes inovadoras no âmbito da chamada nova museologia. É neste âmbito que surgem os ecomuseus, museus dinâmicos, centros de ciência, entre outros. Esta foi uma década de grande mudança, passou a dar-se importância também à estrutura/edifício do museu, ao invés de haver apenas uma preocupação com a colecção. A preocupação com a estrutura/edifício fez com que se tivesse em atenção que o museu era um espaço de comunicação e de instrução educativa. Embora esta preocupação não tivesse apagado a preocupação com a colecção, pois passaram a ser desenvolvidos novos métodos e técnicas de conservação nomeadamente no âmbito da conservação preventiva.

Capítulo II – O Concelho

Os testemunhos por nós efectuados contam com o site da Câmara Municipal de Ponte de Sôr, e dos livros – Carta Arqueológica de Ponte de Sôr e “Cinzas do Passado” de Primo Pedro da Conceição Freire Andrade.

Realçamos os testemunhos escritos e orais que recolhemos, que em muito enriqueceram o nosso trabalho. Temos a certeza que com mais tempo e acompanhamento profissional das autarquias poderíamos ter feito um trabalho mais completo, temos assim ainda muitas recolhas orais por fazer e outras por transcrever, mas isso fica para depois, assim todos os envolvidos (ou alguns) venham a querer.

Afinal, como diz o povo “ROMA E PAVIA NÃO SE FIZERAM NUM DIA”

1. Freguesias

1.1. Ponte de Sôr

Pensa-se que os motivos vivais e comerciais estiveram na origem de Ponte de Sôr, este facto afirma-se porque Ponte de Sôr estava integrada na 3ª via militar que ligava Lisboa a Mérida e assim o seu nome deve-se ter fixado na época romana aquando da construção de uma ponte sobre o Rio Sôr.

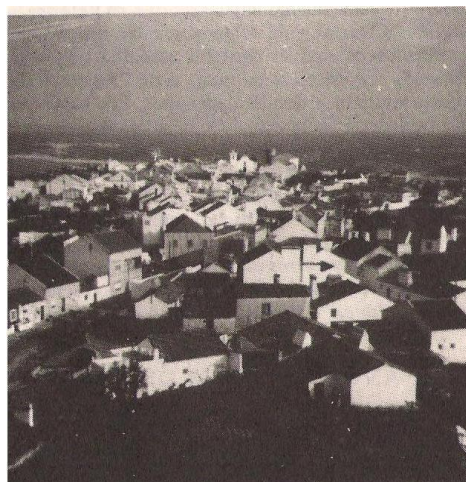
Na época da Reconquista Cristã a região viveu a instabilidade própria de uma zona de indefinição de fronteiras militares e políticas. As terras de Ponte de Sôr foram reconquistadas pela Ordem de S. Bento de Avis que pretendia juntá-las ao seu vasto património. Este facto suscitou uma desordem entre duas Ordens, a Ordem de S. Bento de Avis e a Ordem dos Templários, porque esta Ordem tinha conquistado anteriormente aos mouros as terras de Abrantes que tinham domínios até ao Rio Sôr. Desta forma conciliaram-se entregando o património ao bispo de Évora.¹⁷

Ponte de Sôr foi fundada por D. Afonso Henriques que aproveitou as gentes que vinham nas armadas de cruzadas que o ajudaram na conquista de Lisboa e foi ajudado

¹⁷ Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sôr – Cinzas do Passado”, pg.10

ainda por outras gentes que entraram em Portugal seduzidas pelo clima português e assim, D. Afonso Henriques conseguiu fundar a Vila de Ponte de Sôr, entre outras.¹⁸

O objectivo dos primeiros monarcas era fazer com que os estrangeiros se sentissem atraídos por Portugal por dois motivos, um deles era para povoar Portugal, uma vez que o nosso país se encontrava com uma vasta população por consequência das constantes guerras e o outro factor era conseguir fortalecer a nossa nação. Já dizia Alexandre Herculano que os primeiros monarcas ordenavam aos Munícipes de quem eram as terras, e que dessem uma boa parte aos colonos para que as cultivassem e nela vivessem à sua vontade.¹⁹



Certamente o primeiro foral foi outorgado pela Sé de Évora em 1161, no reinado de D. Sancho I, sendo mais tarde confirmado por D. Manuel em 1514.

Não se pode confirmar ao certo quem foram os primeiros povoadores da vila, mas pensa-se que foi um grupo das principais famílias da Vila de Amêndoa que posteriormente fugiu por delito cometido na Igreja. Este facto consta das Memórias Paroquiais em 1758.

Normalmente, a fundação da Vila é atribuída ao Rei D. Dinis que iniciou a sua construção junto à ponte, não só para tornar o caminho mais viável, mas também para proteger a população, porque esta tinha de atravessar uma densa e longa charneca, que se estendia de Abrantes a Santarém, para adquirir alimentação para a sua sobrevivência.

Desde que se recolhem memórias sabe-se que Ponte de Sôr foi casa de alguns senhores fidalgos como: a família Menezes, onde existia o Solar dos Menezes; D. Lopo de Azevedo, alcaide-mor de Sintra e D. Simão Correia Baharem, estes dois últimos que referimos foram senhores de Ponte de Sôr muito antes da família Menezes.²⁰

¹⁸ Pinheiro Chagas – “História de Portugal” in Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sôr – Cinzas do Passado”, pg. 10

¹⁹ Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sor – Cinzas do Passado”, pg. 10

²⁰ Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sor – Cinzas do Passado”, pg. 15

Em 1758 já existia Longomel, mas muito pouco referido nesta época. Passou a ser mais referido porque com o avançar dos tempos o termo Longomel já se encontrava referido nos arquivos documentais de Ponte de Sôr e assim Longomel anexou-se a Ponte de Sôr. Na altura o concelho que se conhecia não era o de Ponte de Sôr, mas sim o de Galveias, mas este rapidamente foi extinto e passou a freguesia e anexou-se também a Ponte de Sôr em 1836.

Em 1864 o concelho de Ponte de Sôr contava com 3.693 habitantes. Em 1871 o concelho atingia o seu auge com 862 Km². Neste ano foi ainda incluída a freguesia de Montargil que até então tinha sido concelho no distrito de Santarém, extinto no ano de 1855 e anexado ao concelho de Avis.

Actualmente, Ponte de Sôr é sede de um dos concelhos do distrito de Portalegre, situa-se na margem direita do Rio Sôr e encontra-se implantada num importante ponto estratégico, no cruzamento rodoviário entre Lisboa, Beiras e Alentejo.

Hoje em dia, possui uma área total de 839.230 Km², alberga cerca de 20.000 habitantes e é composto por sete freguesias, sendo elas, Foros de Arrão, Galveias, Longomel, Montargil, Ponte de Sôr (sede de concelho), Vale de Açor e Tramaga.²¹

Este concelho é rico em antecedentes históricos. Ao visitarmos este concelho são visíveis inúmeros vestígios, que com os quais se pode comprovar a presença humana nesta região desde a Pré-História, entre os principais vestígios podemos destacar o “Núcleo Megalítico de Montargil” e as várias antas existentes na região.

A época da romanização também se revelou nesta região, este facto pode provar-se através da Necrópole de Santo André, através dos marcos da antiga via Lisboa/Mérida, já referida anteriormente, entre outros testemunhos existentes.

Neste concelho não existem manifestações artísticas do período medieval. Dizem os sábios que este facto pode ser explicado pela instabilidade que se fazia sentir nesta zona durante as lutas da Reconquista. Contudo, ainda se pode ver junto ao rio Sor os restos da cerca amuralhada do século XV, esta cerca foi mandada construir por D. Duarte em 1438 e foi alterada posteriormente.

²¹ Informação retirado do site oficial da Câmara Municipal de Ponte de Sor – “<http://www.cm-pontedesor.pt/concelho/historia>”

As pequenas igrejas e capelas rurais barrocas dos séculos XVII e XVIII são frequentes na região e obedecem a um modelo simples e humilde. Pode-se encontrar exemplos nas freguesias de Galveias e Montargil, sendo que a Misericórdia de Galveias com Igreja e Consistório²² está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1977.²³

Ponte de Sôr foi elevada a cidade a 8 de Julho de 1985 e é actualmente uma referência para a indústria corticeira mundial. Não se limitando só a este tipo de indústria, pode-se encontrar também empresas ligadas ao ramo automóvel, aeronáutico, transformação de produtos agrícolas, construção civil, entre outras. Neste concelho a tradição e o desenvolvimento vivem em grande harmonia.

1.2. Longomel

Longomel é uma das freguesias do concelho de Ponte de Sôr, é uma povoação muito antiga e que se desconhece a época em que possivelmente teria sido fundada. O seu nome sofreu várias alterações ao longo dos tempos, por consequência encontra-se o nome desta povoação escrito de várias formas, tais como: Lago-Mill, Lagomiel, Lagomil, Longonnel, Logomel, Lagomel, Longo-Mel, Lõgomel e por fim Longomel. Presume-se que o seu nome primitivo tenha sido Lagos Mil, isto porque na zona existem muitos lagos e pântanos que em tempos remotos banhavam os seus territórios.²⁴

Em tempos Longomel pertenceu à Coroa, mas em Dezembro de 1327 foi publicada uma carta, na qual D. Dinis faz pertencer esta aldeia a Abrantes, a quem pagava uma tença anual de 180 réis. Alguns anos mais tarde esta aldeia passou a pertencer ao Duque de Bragança e ficou subordinada a Vila Viçosa, segundo o cadastro da população de 1527.

Longomel recebeu o primeiro foral em Lisboa a 1 de Julho de 1518 que abrangia a freguesia de Margem (concelho de Gavião), este foral foi concebido por D. Manuel I.

²² Assembléia de cardeais convocada pelo Papa.

²³ Segundo a tradição oral, este imóvel foi considerado de Interesse Público apenas por imposição senhorial e política da altura.

²⁴ Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sor – Cinzas do Passado”, pg 153

Em 1762 Longomel é promovida a vila e em 1811 fica subordinado à Comarca de Vila Viçosa, Provedoria e Diocese de Portalegre e teve como donatária a Casa de Bragança.²⁵

Longomel pertenceu ao concelho de Margem até ao século XIX, um concelho que se chamava Margem e Longomel. Depois da extinção desse concelho, Longomel passou em termos administrativos para a freguesia de Ponte de Sôr, na qual permaneceu até 1984. Actualmente Margem pertence ao concelho do Gavião.

Hoje em dia, no que diz respeito ao sector económico esta freguesia conta com a lezíria da ribeira de Longomel, que é uma terra fértil, onde é cultivado o tabaco e todos os produtos hortícolas.

Segundo os censos de 2001, a sua população é de 1479 habitantes. No que respeita ao património cultural destacam-se a Igreja, a Casa Mortuária, a Fonte Pública e o Lagar Antigo. No artesanato destacam-se trabalhos em cortiça, flores secas e pinturas a óleo e em gesso. Na gastronomia à que salientar a sopa de couve com feijão e petinga frita, migas de pão com entrecosto frito, migas de "cozinha" (migas de couve com feijão) com carne do alguidar. Quanto às principais actividades económicas podemos afirmar que são a agricultura, a cerâmica, o carvão, o azeite e o turismo rural.

Longomel tem como principais festividades, os Festejos de Verão que se comemoram no primeiro fim-de-semana de Agosto e tem como orago, Nossa Senhora da Oliveira.²⁶

1.3. Montargil

Montargil dista 27 km da sede do concelho e situa-se na margem direita do rio Sôr.

²⁵ Informação recolhida do site Oficial da Câmara Municipal de Ponte de Sor – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/longomel”

²⁶ Informação recolhida do site oficial da Câmara Municipal de Ponte de Sor – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/longomel”

Foi extinta como concelho em 1855, passando a freguesia para o concelho de Avis e a partir de 1871 para o de Ponte de Sôr. Até ao século XIX, pertenceu à província do Ribatejo, mas a partir daí foi integrada no Alentejo.

A barragem de Montargil foi um dos maiores empreendimentos desta região nos últimos anos. A albufeira estende-se ao longo de 20Km e tem uma capacidade de 155 milhões de metros cúbicos de água. A barragem de Montargil tem vindo a adquirir renome com os desportos náuticos e a pesca desportiva, mas também pelo clima de tranquilidade e harmonia que proporciona aos seus frequentadores. Possui como infra-estruturas o parque de campismo, unidades hoteleiras, espaços de turismo rural e de habitação.

No património cultural destaca-se o "Núcleo Megalítico de Montargil" onde são



conhecidos perto de quatro dezenas de antas que forneceram um importante espólio de pedra polida, a Necrópole de Stº. André do Séc. I-II, a Igreja Matriz (rec. no séc. XVIII), a Igreja da Misericórdia (séc.XVI/XVII), a Capela de Santo António (séc.XVIII), a Capela de São Sebastião (séc. XVIII), a Capela de S. Pedro(séc. XVII/XIX?) e a Capela

do Senhor das Almas (1930), o pelourinho.

Nas actividades económicas importa referir a agricultura, pecuária, construção civil, carpintaria mecânica, serralharia civil e mecânica, lagar de azeite, apicultura, extracção de cortiça, hotelaria e comércio e no artesanato objectos de madeira, latoaria, cestaria e cortiça.

Na gastronomia são relevantes o achigã, sopa de peixe, açorda, migas e cozido à portuguesa. Na doçaria destacam-se os doces de amêndoa, de gila, o bolo cigano, o bolo de mel, a torta da Rita e o bolo de bacia.²⁷

²⁷ Informação retirada do Site oficial da Câmara Municipal da Ponte de Sôr –
“www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/montargil”

1.4. Galveias

A vila de Galveias encontra-se situada na encosta de uma colina fértil, na margem esquerda do rio Sôr, a 12 km da sede de concelho (Ponte de Sôr) e conta com 1.421 habitantes.²⁸ Esta freguesia é talvez a mais importante do concelho de Ponte de Sôr, que conta com uma longa história, desde que foi concelho independente até aos dias de hoje.



A sua fundação é atribuída a Frei Lourenço Afonso, mestre da Ordem de Avis, em 1342, vindo a ser aumentada por D. Jorge, Duque de Coimbra, filho natural de D. João III. Até então era denominada por Vila Nova do Laranjal.

A 1 de Janeiro de 1512, a povoação beneficiou do Foral de Avis, dado em Santarém por D. Manuel I e em 1538 foi elevada a vila por D. João III, tomando então o seu nome actual, Galveias²⁹

Em termos eclesiásticos, esta freguesia, foi um priorado da Ordem de Avis, por essa razão existe tamanha riqueza a nível de património religioso. O património cultural da freguesia é sobretudo arquitectura religiosa dos séculos XVII e XVIII, sendo o seu expoente máximo o Conjunto da Misericórdia de Galveias com Igreja e Consistório, classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1977³⁰. Apresenta também um curioso conjunto de capelinhas que rodeiam a vila, sendo elas: a Capela do Senhor das Almas (séc. XVIII) e S. Pedro (séc. XVIII), a Norte, São Sebastião (séc. XVII) e São João (reconstruída em 1945/50), a Nascente, Stº António (séc. XVII), a Sul, São Saturnino (séc. XVIII), a Poente. Duas destas capelinhas (Stº António e São Sebastião) apresentam no seu interior frescos em painéis fingidos. É importante também referir a Igreja Matriz, construída no século XVI que já foi alvo de restauro. Realce a um frontal quinhentista que se encontra no templo. Outro ponto de interesse é a Fonte da Vila, com

²⁸ O número de habitantes foi recolhido através dos Censos realizados em 2001

²⁹ Primo Pedro da Conceição Freire Andrade – “Ponte de Sor – Cinzas do Passado”, pg. 139

³⁰ Segundo ditos populares a classificação da Igreja só aconteceu devido à influencia política de famílias ricas de Galveias.

as suas três bicas: a dos solteiros, a dos casados e a das “prenhas”, esta fonte data do ano de 1879.

No que diz respeito à economia, a agricultura sempre foi a actividade predominante de produção. As principais actividades económicas desta freguesia são a agricultura, como já foi referido, o comércio e a pequena indústria (serralharia, construção civil, lagar de azeite e extracção de cortiça). A importância das laranjas era tal que estas estiveram na base do nome inicial da freguesia. Ainda hoje, as laranjas estão associadas a Galveias, a ponto de se encontrarem no seu próprio braço. Para além das laranjas também é importante salientar o azeite e o vinho Marques Ratão, produzidos e comercializados pela Junta de Freguesia de Galveias, que homenageiam assim uma família que tanto deu a Galveias.

Nesta freguesia houve ainda figuras importantes na sua história, como os condes das Galveias. Foi o primeiro conde deste título D. Dinis de Melo e Castro, em 1691, houve ainda dez nobres deste título, o último do qual faleceu em 1940.

No que diz respeito à cultura, destaca-se a Banda de Música da Sociedade Filarmónica Galveense. Já no que respeita à gastronomia tem principal destaque o ensopado de borrego, açorda alentejana, migas de pão, feijão com couve, gaspacho e laranjas. Ao nível do artesanato à que salientar os trabalhos em vime, cortiça e em pau de Laranjeira.

Galveias tem ainda a tradicional Feira de Galveias no primeiro Domingo de Maio e o Mercado Mensal no segundo Sábado de cada mês. No que respeita a festas e romarias celebra-se a Festa em Honra de S. Lourenço no segundo fim-de-semana de Agosto. S. Lourenço é o orago de Galveias.³¹

1.5. Foros de Arrão

A freguesia de Foros de Arrão foi criada por decreto-lei, a 31 de Dezembro de 1984, pertencendo até então à freguesia de Montargil, neste momento conta com uma área de 83,07 Km² e 1037 habitantes.

³¹ Informação retirada do site oficial da Câmara Municipal de Ponte de Sor – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/galveias”

Prevê-se que a sua origem remonte ao ano de 1910. Nesta época não era conhecida como Foros de Arrão, mas sim pelo nome de Herdade do Arrão. Alguns anos mais tarde o proprietário desta Herdade, Pedro Aleixo Falcão, tomou uma decisão, decisão essa, que foi aforar a Herdade, ou seja, dividi-la em talhões para doar a várias famílias. Porque o transporte de gado vindo de todo o Alentejo era feito na altura a pé, para a zona de Santarém, para os mercados e feiras. Como esta zona era o confinar de diversas Herdades, era aqui que eles pernoitavam e assim, estragavam estas terras e mais concretamente a ponta desta Herdade do Arrão de Cima. Por outro lado, afirma-se que esta zona estava abandonada e era de ruim qualidade para o cultivo, sendo até chamada como chão de cardos.

Desta divisão da Herdade em foros é que surgiu o nome que é hoje conhecido, Foros de Arrão. Os foros são pequenas parcelas de terreno cedidas aos foreiros para que as cultivassem e tratassem. Após esta divisão os primeiros foreiros alimentavam-se quase exclusivamente de caça brava, devido à grande abundância da mesma e à falta de terras cultivadas.

Quanto à sua população, tem como origens gentes de classe baixa vindas dos concelhos de: Chamusca, Abrantes, Mação, Gavião, e outras. É ainda de destacar a presença de pessoas vindas do Norte, às quais chamavam “ratinhos”.

“Venho de Mação

Do lado onde fica Abrantes

Vou para os Foros do Arrão

Terra de negociantes.”³²

Existe nesta aldeia um marco importante na sua história, marco esse que é a construção nos anos de 1932-1933 do Moinho de Vento. Actualmente encontra-se em ruínas. A razão da construção deste moinho assenta no facto de não existir cursos de água que pudessem mover as pedras para a moagem do grão, milho, trigo, etc. A actividade do moinho parou devido à plantação de pinhais nas suas proximidades que fez com que não chegasse o vento ao moinho. Segundo a nossa recolha de memórias

³² Excerto de uma canção popular usada na altura para caracterizar Foros de Arrão, da autoria do Sr. Gabriel das Pombas.

orais, este terreno de charneca produzia a alimentação base para a sobrevivência dos aqui instalados.

Foros de Arrão é uma freguesia cuja população vive muito dispersa, e está dividida em dois aglomerados populacionais: Foros de Arrão Norte, com dois terços da



população e Foros de Arrão Sul com um terço, ocupando uma área de 80 hectares separados por uma distância de 5 Km. Cada família tem o seu quintal ou horta, onde ocupava parte dos seus tempos livres, também por necessidade, visto que era ali que cultivava quase todos os produtos hortícolas para o seu consumo diário e também se produzia quase todos os produtos pecuários necessários à sua alimentação.

Segundo a nossa recolha de memórias orais, este terreno embora de charneca, produzia a alimentação base para a sobrevivência dos aqui instalados, como terreno de transição entre o Alentejo e o Ribatejo. O microclima produzia laranjas de uma qualidade impar que chegaram a ser transaccionadas por negociantes que as levavam para outros pontos do país.

Esta freguesia para além de ser uma freguesia pequena é composta por alguns lugares não menos importantes que são eles: Valão, Noitinhas Novas, Pernancha de Cima, Quinta, Pernancha do Meio, Pernanchinha, Pernancha de Baixo, Passada, Arrão de Cima, Santa Maria, Arrão de Baixo, Formosinha, Antas, Fazenda, Mosqueira e Ferro de Vacas.

A freguesia de Foros de Arrão fica apenas a 13 Km da barragem de Montargil, mas fica a 100 Km da sede de Distrito (Portalegre) e a 33 Km da sede de concelho (Ponte de Sôr).

Na freguesia existem como referência um posto médico, um posto de farmácia, uma escola primária, um posto de correios, um grupo desportivo e cultural e um centro de dia.

Nesta freguesia o seu património cultural é sobretudo a sua paisagem natural, onde se inclui o seu maravilhoso sol que nos proporciona grandes horas de relaxamento. Temos também a maneira exemplar e acolhedora como somos recebidos pelas suas

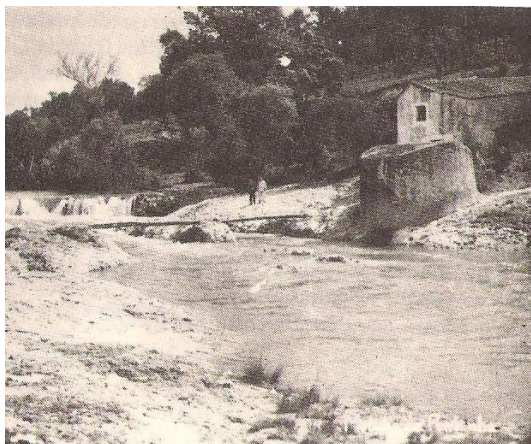
gentes. Contudo à que destacar a Capela de Santa Bárbara e o Moinho de Vento, já referido anteriormente.

Esta freguesia tem como destaque nas suas actividades culturais os Festejos Populares de Verão, outrora em honra de Nossa Senhora da Paz, que se realizam no primeiro fim-de-semana de Agosto. Tem ainda o seu mercado mensal a cada terceiro Domingo do mês. É de destacar a grande zona de caça de todas as espécies existentes.

No artesanato destacam-se os trabalhos em têxtil, madeiras, metais e telas e na gastronomia a lebre com feijão branco, ensopado de borrego, enchidos, tubras com ovos, migas de espargos, cogumelos, guisados com carne de alguidar, achigã assado na brasa, produtos de caça, serrabulho, feijão com couve e petinga frita, etc.³³

1.6. Tramaga

A freguesia de Tramaga foi fundada por decreto-lei, datado de 11 de Junho de 1993.



Derivou da freguesia de Ponte de Sôr, situa-se a 3 km da sede de concelho e conta com 1739 habitantes (Censos de 2001).

Durante muito tempo foi conhecida como aldeia da “Água de Todo o Ano”.

A sua história está intimamente ligada à história da freguesia de Ponte de Sôr. A demonstrar a antiguidade deste local existe um conjunto de três moinhos hidráulicos de rodízio localizados nas margens da Ribeira do Sôr, entre Sobreira e Tramaga. Tudo indica que foram construídos no século XIII. Existe ainda a Igreja Matriz e a Capela do Monte Velho (capela do Senhor da Fonte Santa).

Como principais actividades económicas tem a indústria de carvão de lenha, extracção de cortiça, indústria de pré-esforçado, agricultura, pequeno comércio, construção civil e o corte de eucaliptos.

³³ Informação recolhida do site oficial da Câmara Municipal de Ponte de Sor – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/foros-de-arrao”

O seu artesanato é essencialmente constituído por objectos em madeira e cortiça, “coxos” e tapetes de Arraiolos.

Na gastronomia tem essencialmente os seguintes pratos: achigã grelhado, lebre e coelho bravo à caçador, assado na brasa, e com arroz, perdiz e pombo bravo.³⁴

1.7. Vale de Açor

A freguesia de Vale de Açor é composta por 863 habitantes.

O património cultura da freguesia de Vale de Açor é singelo, contudo, destaca-se a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, a Igreja matriz, de meados do século XX. Outros pontos de interesse turístico-cultural são a Fonte da Cruz e diversos vestígios arqueológicos.

Nas actividades económicas destacam-se a agricultura, agro-pecuária, lagar de azeite, moagem de pimentão seco, construção civil, pequeno comércio, transformação de suínos e extracção de cortiça.



No artesanato evidenciam-se os trabalhos em cortiça, estanho e pele e na gastronomia o ensopado de borrego, serrabulho e bolo de bacia.³⁵

Capítulo III – Cooperativas da Reforma Agrária

1. Cooperativas criadas

Nesta terra, Foros de Arrão, a agricultura no anterior regime – Estado Novo, a par dos negócios de gado, eram as actividades predominantes destas gentes.

³⁴ Informação retirada do Site oficial da Câmara Municipal da Ponte de Sôr – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/tramaga”

³⁵ Informação retirada do Site oficial da Câmara Municipal da Ponte de Sôr – “www.cm-pontedesor.pt/concelho/freguesias/vale-de-acor”

Estas gentes que para obterem um trabalho tinham que ir aos Domingos à tarde, o largo da “Venda”, do “Cunha”, da “Padaria”, “do correio”; enfim largo com o nome que lhe davam na altura onde hoje é o largo 25 de Abril, visto que também os nomes e identificações dos sítios onde moravam, nesta altura não existiam, além daqueles que o povo chamava. Nomes geralmente das famílias dos moradores como: “o Monte dos Duartes”; “Monte dos Tomés”, “Monte do Cuco”; “Monte dos Fontes”; “Monte do Ti Manel Jirolme”; “Largo dos Fontes”; “Monte dos Basofas”; “Monte do Ti Joaquim das Barreiras”; “Monte do Aníbal Godinho”, etc.

Estes nomes ainda devem ser estudados e posteriormente preservados. Mas voltando ao hoje Largo 25 de Abril, era ali que se realizava a “Praça de Jorna”, local onde se “contratava/negociava” a prestação de serviços entre patrões e empregados; local onde as pessoas eram contratadas conforme a “boa cara que tinham”, e a sua agilidade e destreza para esses trabalhos rudes da altura, enfim, lugar de muitos encontros e desencontros. Para isso, mas também para a juventude, esta aproveitava esta ocasião para os seus encontros em busca de alguma animação e divertimento, visto que na mesma altura nessa “praça” havia um acordeonista “tocador de concertina”, na altura (o Ti Romão Eusébio, o Ti Manel Certeza, etc) que abrilhantavam o baile popular, que era constantemente interrompido pelos “gaiatos” mais novos que brincavam no meio dos “pares” (puxando as saias às raparigas para que elas não se encostassem demais aos rapazes), e corriam uns atrás dos outros na brincadeira.

Mas, perto de 1974, também isso acabou, não havia trabalho para ninguém e assim houve um movimento popular que levou a maior parte da população a seguir em busca da sua sustentabilidade e a da sua família, e assim, apareceu a Reforma Agrária.

A Reforma Agrária teve uma projecção muito grande nesta freguesia, após o 25 de Abril com o período revolucionário, foram criadas nesta terra duas cooperativas: a Cooperativa 19 de Maio, que mais tarde se veio a chamar Unidade Colectiva de Produção Agrícola 19 de Maio, SCRL, e que nos seus últimos anos se chamava Cooperativa Agropecuária Unidade de Foros do Arrão, CRL e a Cooperativa 21 de Maio, mais tarde chamada Unidade Colectiva de Produção Agrária 21 de Maio.

As alterações nos nomes das mesmas, como viemos a pesquisar, resultaram da adaptação quer dos nomes, quer dos estatutos, às realidades cooperativas da altura, impostas pelos Governos vigentes.

1.1. Cooperativa de Produção Agrícola 19 de Maio de Foros de Arrão

Esta cooperativa nasceu no dia 19 de Maio de 1975. Depois das recolhas orais que fizemos e da pesquisa de alguns documentos, encontramos um documento escrito a 26 de Janeiro de 1977, escrito pelo cooperante da mesma, o Senhor Joaquim Luís Godinho que nos retrata o nascimento da mesma. Assim por corresponder à verdade resolve-mos transcreve-lo, adaptando-o, quer aos tempos, quer à escrita.

A referida Cooperativa, ficava situada na freguesia de Montargil, hoje freguesia de Foros de Arrão, concelho de Ponte de Sôr, distrito de Portalegre.

No dia 19 de Maio de 1975, os trabalhadores agrícolas do referido lugar, estavam quase na totalidade desempregados!

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do distrito de Portalegre, convocou uma reunião com os grandes agrários e rendeiros em Portalegre, para que fosse decretado e assinado um contracto de trabalho para pôr termo a uma situação aflitiva com que os camponeses se debatiam à longos meses. Mas, os grandes senhores da terra recusaram-se determinantemente a assinar quaisquer contractos.

As terras de regadio e outras, de ano para ano, apenas se via crescer juncais, silvados e salgueirais que metiam medo! Os camponeses após o 25 de Abril, reuniam-se e discutiam a melhor forma de sair da crítica situação em que viviam. As mães, não tinham pão para os filhos e os chefes de família viam os terrenos que tanto suor lhes fez verter agora abandonados.



Assim, no dia 19 de Maio de 1975, 50 camponeses da aldeia, resolveram pura e simplesmente, ocupar as Herdades de Arrão de Cima e

Santa-Maria, que se encontravam praticamente abandonadas. Mas os camponeses e camponesas da aldeia, ocorreram em massa, para se juntarem aos 50 iniciais. Formando já uma coluna de 85 homens e 95 mulheres, assim estes terrenos eram poucos para tanta gente. Os organizadores convocaram uma reunião geral para propor a ocupação das Herdades de Arrão de Baixo, Atalhadores, Formosa-Velha, Herdade de Mascarenhas e Pernancha de Cima, o que foi aprovado por unanimidade, ficando assim fixados os limites da Cooperativa de Produção Agrícola 19 de Maio de Foros de Arrão. As dificuldades eram enormes, tractores e alfaías não havia, capital para investimentos também não. Só lhes restava empregar o esforço dos seus braços.

Ao fim de dois meses de luta heróica, sem receber um centavo, reuniram todas as suas economias e compraram um tractor. Muitos também iam trabalhar para fora da aldeia e traziam o dinheiro que ganhavam para a referida cooperativa, que depois dividiam com aqueles que na cooperativa continuavam a lutar arduamente com os olhos postos na batalha da produção.

Passados 20 meses, na mais dura e viva luta, sem olhar a fadiga ou canseira, os trabalhadores convidaram todos os incrédulos e pessimista a virem visitar esta cooperativa, para verem com os seus próprios olhos a grande transformação operada.

Nos documentos da cooperativa temos ainda, uma publicação no jornal “o diário”, que data de 15.09.1988 com um excerto sobre a mesma, que devido à evolução patrimonial sofrida, passamos a referir:

“Cooperativa Agropecuária Unidade de Foros do Arrão, CRL

COMÉRCIO E SERVIÇOS

A Cooperativa Agropecuária Unidade de Foros do Arrão, fundada em 19 de Maio de 1975, começou com 126 trabalhadores, e possuía uma área de 3500 ha. Actualmente tem cerca de 200 trabalhadores com 2500 há, 12 máquinas agrícolas, 1600 cabeças de gado ovino, 120 bovino e 80 suínos.

Construiu-se sede – composta de escritórios, sala de reuniões, bar, dois supermercados, creche, oficina, secador de cereais – bem como 3 barragens para aproveitamento de terras que anteriormente estavam abandonadas, e ainda se adquiriu a Herdade de «Pernancha de Baixo» com 120 ha.

A cooperativa não deve qualquer valor à Segurança Social, nem a qualquer entidade do Estado ou outros.

Como até aqui, a cooperativa vai continuar o seu trabalho com os mesmos objectivos: servir os seus trabalhadores e a população em geral dentro do espírito da Reforma Agrária.”

Além das recolhas orais que realizamos, também fizemos algumas entrevistas que transcreve-mos. Entre elas, entrevistámos o senhor José Maria Felisberto que tinha sido trabalhador desta cooperativa desde o seu início até ao final, bem como Presidente da direcção. Assim, por nos parecer relevante publicamos um excerto da mesma entrevista³⁶.

...“- No fim de isso tudo surgiu aqui nos Foros a Reforma Agrária.

- Sim.

- Conte-nos lá.

- Antes da Reforma Agrária surgiu o 25 de Abril.

- Exacto.

- Surgiu o 25 de Abril que nós já esperávamos à muito tempo, demorou muitos anos à espera mas até que enfim veio...

- Mas quem espera sempre alcança.

- Sempre veio mas não foi o fim que nós pensamos mas pronto, foi o que foi.

- Exacto.

- E com o 25 de Abril as pessoas que garantiam trabalho, os postos de trabalho, com o 25 de Abril começarem (sic) a deixar de trazer pessoas, obrigavam aí umas pessoas a ir trabalhar e chegou a uma certa altura havia gente já sem trabalho e sem comer e sem dinheiro. Foi quando se pensou em iniciar a Reforma Agrária, desorganizada, já se sabe, não havia organizações dos Governos, sem disciplina, sem

³⁶ Vide em Anexo I a entrevista completa

nada disso. Nós aqui, se vocês querem que eu lhe diga como é que nós começámos aqui...

- Queríamos.

- Nós começamos aqui no dia 19 de Maio de 1975, havia aqui várias pessoas sem dinheiro, sem comer e sem trabalho, não era eu, eu tinha outra vida de outra maneira e então juntarem-se (sic) para ir ocupar uma herdade que tá (sic) logo aqui que é o Arrão de Cima e começamos a trabalhar, depois chamarem-me (sic) pa (sic) ir tamem (sic) para lá, eu como político fui, e não havia nada, não tinham nada semeado, era já em Maio, dava para fazer pouco.

- Exacto.

- Tentamos ainda fazer alguma coisa, mas depois as pessoas não podiam lá trabalhar todas aquelas que forem (sic) e atão (sic) iam umas trabalhar para a tirage (sic) da cortiça, trabalhavam e o que eles ganhavam (sic) vinha para o conjunto da Cooperativa e as outras pessoas que andavam (sic) a trabalhar cá, trabalhavam (sic) para a Cooperativa. E atão (sic) o que é que se fez? Os que podiem (sic) melhor não recebiem (sic) nada, trabalhavam (sic) e não recebiem (sic), ficava em depósito. E os outros que podiem (sic) menos, recebiem (sic) metade, metade do salário que era para viver e fizemos isso quase durante seis meses, cinco meses e tal quase seis meses, e continuou-se a trabalhar, mas nunca se podia fazer muita coisa porque não era altura já de fazer culturas. A partir daí depois a coisa melhorou porque veio um crédito, que eles chamarem (sic) o crédito de emergência, o Estado emprestou esse dinheiro e então nós íamos, faz de conta que o Estado era o patrão, nós fazíamos a folha do pessoal que trazíamos a trabalhar e íamos buscar o dinheiro ao fim da semana e pagava-se. Nós começamos a trabalhar e depois como o trabalho era pouco ainda fui para o sítio onde eu andava, eu era encarregado aí de um indivíduo e fazia as minhas coisas, era encarregado aí de um indivíduo, mas depois os meus colegas não se entenderem (sic) pararem (sic) e forem-me (sic) chamar e eu tive (sic) que vir outra vez. Vim e continuei com um objectivo, de fazer disto uma firma como mandava a lei, com Fundos de Maneio, com tudo, sem andar... e atão (sic) pronto, tive (sic) que pegar nisto da maneira que eu entendi que era melhor e consegui fazer o que ninguém fez e atão (sic) continuamos a trabalhar, ca quele (sic) dinheiro arruma-se as coisas, no outro ano a

seguir arranjou-se... liquidou-se os salários todos às pessoas, pagou-se à Segurança Social o atrasado todo daquele tempo que na (sic) havia dinheiro, não houve ninguém que ficasse prejudicado com isso e continuámos a trabalhar... ao fim de dois anos tínhamos dinheiro para trabalhar o ano inteiro e já trabalhavam (sic) cá cento e tal pessoas, todos sócios, na (sic) trabalhou ninguém sem ser sócio. E atão (sic) essas cento e tal pessoas durante vinte e cinco anos trabalharem (sic), quando havia trabalho trabalhavam (sic), quando não havia tavam (sic) no desemprego, se tavam (sic) doentes tavam (sic) com baixa, nunca perderam tempo nenhum, e os descontos, tudo em dia. Aquelas dívidas que... desse dinheiro e mais uns tractores que se compravam (sic), pagou-se tudo, ao fim de cinco anos tínhamos dinheiro para tudo e não havia dívidas, nem pa (sic) trabalhadores, nem pó (sic) Estado... esta cooperativa não ficou a dever nada a ninguém... e continuamos a trabalhar da maneira que se parecia que era melhor, fez-se uns investimentos... já, os investimentos só se fizeram quando havia dinheiro para utilizar, porque o pedir dinheiro emprestado, como muitos colegas meus fizeram (sic), esses ficaram a comer junto com as pessoas e nunca chegarem (sic) a lado nenhum... o dinheiro que se pode pedir emprestado ou que se podia pedir era simplesmente para fazer alguma cultura que se queria naquela ano, que era para haver algum lucro, agora investimentos fixos e outras coisas dessas não. E atão (sic) continuámos a trabalhar e passarem (sic) por cá duzentas pessoas e... uns abalarem (sic), cada um abalou quando quis, ninguém proibia ninguém e continuamos a trabalhar assim, as pessoas... começou-se a ganhar salários superiores, foi o sitio onde os trabalhadores agrícolas tiverem (sic) as regalias que tinham (sic) os funcionários públicos, iguais, foi aqui nesta cooperativa, os subsídios, as férias, os feriados, os dias por morte, do casamento, passarem (sic) a ter tudo.

- Então quer dizer que a reforma agrária foi um benefício aqui para a zona?

- Eu já vou acabar de dizer o resto se me permitirem. Durante 25 anos a cooperativa garantiu aqui postos a uma volta de... entre cem pessoas, cento e vinte e cinco. Durante 25 anos essa gente teve cá trabalho para trabalhar à vontade, nunca ninguém se preocupou para onde é que ia trabalhar no outro dia, nunca se preocuparem (sic) com transporte, o transporte tava-lhe (sic) sempre à porta todos os dias, nada..., essa gente veio, fez o primeiro desconto pá (sic) Segurança Social, reformou-se, tão (sic) hoje reformados, sem terem qualquer preocupação no trabalho, no tratamento dos papéis que eram (sic) necessários pa (sic) tudo, quando havia

problemas quem os ia resolver era eu, as pessoas nunca se preocuparam... e não houve aqui ninguém, nenhuma firma que garantisse durante 25 anos cento e tal postos de trabalho como a cooperativa. As pessoas aqui nos Foros do Arrão se quiserem ser correctas, nunca viverem tão (sic) bem como nesses 25 anos, foi o que aqui apareceu, tinham (sic) tudo o que queriam, não era só os que lá trabalhavam, era os outros, a cooperativa fornecia tudo o que eles queriem (sic), carne, cereais, palha, toda a bagage (sic). Fornecia-lhe tudo e a uma certa altura só pagavam (sic) quando queriem (sic), teve que se apartar um bocado (sic), que opois (sic) as coisas começarem (sic) a correr mal e atão (sic) foi isso que se passou até uma certa altura, mas também isso não foi tudo bom, aquilo teve opois (sic) ... aconteceu o pior, a uma determinada altura meteu-se lá a política no trabalho e eu dei aí uma entrevista a um jornal que não sei onde é que ele anda e disse que não misturava a política com o trabalho, o título do jornal... mas foi... infiltrarem-se (sic), as coisas começarem (sic) a correr mal, depois tamém (sic) desde que a gente foi pá (sic) CEE, fomos pá (sic) Comunidade Europeia, é a mesma coisa, a agricultura morreu na situação em que temos (sic) agora. Depois a partir daí quando isso começou a ser assim teve que se alterar ali uma serie de coisas e foi indo até que as coisas ao resto... o que havia tava (sic) a abalar e eu fui obrigado a suspender, aquela... já não havia... as pessoas mais velhas reformarem-se (sic), os novos não gostavam (sic) de cavar, vocês sabem disso melhor do que eu... e atão (sic) não havia gente pa (sic) trabalhar e os que trabalhavam (sic) já não era como era dantes, antigamente, como era no princípio e atão (sic) teve que cessar, as terras que havia entregarem-se (sic) e em determinada altura fez-se uns títulos para as pessoas, títulos de investimento, na pagarem (sic) e ficarem (sic) a receber esse dinheiro, quando chegou a altura recebiem (sic) esses que se reformavam (sic) recebiem (sic) logo e os outros quando chegou à altura do fim disto terminar, receberem (sic), receberem (sic) esses títulos de investimento e depois sobrou dinheiro ainda e voltou a ser devivido (sic). Portanto, ninguém deu dinheiro a pessoas sem trabalhar senão aqui a cooperativa.

- Exacto.

- Fui eu que criei essa situação toda. Eu tou (sic) a tentar, tenho é pouco vagar porque eu continuo a ser agricultor, tenho pouco vagar, tou (sic) a tentar fazer e tenho feto (sic) já uma parte até uma certa altura, a biografia da cooperativa, como é que ela começou, as características, como é que começou, como é que não começou...

- A evolução.

-A evolução, como é que foi evoluindo, o que é que opois (sic) veio de mau, o que é que opois (sic) foi de bom, o que é que as pessoas tiveram (sic) e não tiveram (sic) e opois (sic) também (sic) um pequeno toque no comportamento das pessoas.

- Exacto.

-É isso que se tá (sic) a ver agora e atão (sic) foi ... as pessoas receberem (sic) o dinheiro consoante o tempo que trabalharem, pa (sic) ser legal era conforme a produtividade de cada uma, mas isso era difícil, nós na (sic) tínhamos capacidade pa (sic) fazer isso e atão (sic) o que eu intendi (sic) de fazer isso pa (sic) fazer o que tinha prometido, porque eu na (sic) disse... no primeiro dia que a gente reuniu, nesse dia 19 de Maio de 1975 eu disse que íamos trabalhar pa (sic) um conjunto e se houvesse lucro que era devedido (sic) para todos.

- Exacto.

- E eu cumpri isso, foi isso que eu fiz, mas como não havia condições pa (sic) fazer conforme, consoante o que cada um trabalhava, fez-se po (sic) tempo. Não houve ninguém que lá trabalhasse mais ca (sic) um mês que na (sic) recebesse dinheiro, depois recebia consoante os meses que tinha trabalhado. Eu mandei fazer lá um apanhada em 1987, um apanhado das pessoas que lá tinham (sic) trabalhado até essa data, mal feto (sic) ou bem feto (sic) foi feto (sic), um home (sic) demorou dois anos a faze-lo, era pa (sic) ficar bem feto (sic), e fez-se um calculo ó cavia (sic) ós (sic) bens da cooperativa e ó (sic) dinheiro, o que era tudo lucro porque se foi para lá sem nada e esse lucro opois (sic) foi devedido (sic) em dois títulos, um titulo com 48% e outro com 52% , chegou a uma certa altura que foi obrigatório as pessoas associarem-se (sic) todas como devia ser e atão (sic) abriu-se as inscrições pa (sic) quem lá tinha trabalhado, mesmo que já na (sic) tive-se a trabalhar podia-se inscrever como sócio, mesmo que na (sic) trabalha-se era sócio à mesma, o que aconteceu com muntos (sic), inscreverem-se (sic) poucos, uns se calhar na (sic) tinham (sic) dinheiro, na (sic) sei se tinham (sic) se não, outros na queriem (sic), porque aquilo era preciso dinheiro... inscreverem-se (sic) só 64, esses 64 receberem (sic) os títulos igual aos outros que tinham (sic) a receber e já tinham (sic) lá esse dinheiro à 3 anos, mas E atão (sic) isso... mas sobrou dinheiro dos títulos... na (sic) havia muitas condições pa (sic)

devidir (sic), só era, só pa (sic) sócios, devia de ser só pá (sic) queles (sic) 64, mas ficavam (sic) os outros sem nada, porque havia muntos (sic) que tinham (sic) trabalhado só 2 ou 3 meses e tavem (sic) lá, erem (sic) sócios e levavam (sic) se calhar munto mais que os outros... os outros na (sic) levavam (sic) nada que tihem (sic) trabalhado 7 ou 8 anos, 10 ou 12 e atão (sic) eu propus que... era a única coisa que podia fazer era abrir a inscrição pa (sic) sócio, pa (sic) se fazerem (sic) sócios ca (sic) cota igual, mas pa (sic) convencer aqueles, que aquilo tinha que ser votado em Assembleia fiz outra proposta pa (sic) cada um receber 500 contos ainda em dinheiro português nessa altura. Desses 64 cada um, foi igual pa (sic) todos, tanto fazia ter trabalhado munto (sic) como pouco, o dinheiro da cota era igual só que tinha que ser assim, recebemos esse e opois (sic) ficou o outro, ca (sic) gente na sabia o que é que lhe havia de fazer, mas tínhamos que deixar tamém (sic) um pouco para entregar aí a uma instituição e atão (sic) fomos ver como é que era e só pode ser assim, abrimos inscrições e mandamos uma carta directa para cada pessoa que lá tinha já trabalhado, fomos ver aos nomes os que tinham (sic) recebido dinheiro. Ora os que tinham (sic) trabalhado, uma carta para se inscreverem com um prazo pra (sic) se inscrever e forem-se (sic) inscrever mais 99, inscreverem-se 99, mas ainda ficarem (sic) aí uns 20 e tal que lá tinham (sic) tamém (sic) trabalhado que na (sic) se inscreverem (sic), na (sic) podiem (sic) outros na (sic) quiserem (sic) e foi a maneira da gente chegar à altura, no fim depois (sic) de vender os bens da cooperativa, vender aquilo, sacar o resto da massa e o Estado desse dinheiro todo ficava com 26%, o Estado ficava com mais dinheiro cá gente (sic) todos. E atão (sic) fomos até chegar ao fim de tudo e tivemos que dividir o resto daquele dinheiro e assim depois ficamos a ser 163 a receber dinheiro, ainda recebemos 600 e tal contos cada um e pagamos o IRS do dinheiro ... e deixamos 48 mil euros que é pa (sic) dar aí, não sei se é aqui ao Centro de Dia, só se pode dar ao fim de 5 anos.

- Ai é.

- Está reservado para isso, e nós dos outros é que tivemos de pagar o IRS, 20 % desse dinheiro qué (sic) pá quilo (sic) ser dado a uma instituição ou a uma cooperativa ou a uma coisa assim. Mas isso quem cá tiver (sic) ... aquilo é uma comissão liquidatária, tá (sic) eleita que é até ao fim dos 5 anos, a escrita tem aqui o vosso colega guardada, deu-se-lhe alguma coisa para ele guardar a escrita e temos (sic) assim. Agora, agora há o outro resto que foi assim feto (sic) e só se deu por terminado

tudo quando... só sobrou, ficou fora parte esse dinheiro que é pa (sic) dar e ninguém lhe pode mexer e deu-se o outro todo, devediu-se (sic) o dinheiro que havia, devediu-se (sic) e deu-se. Ninguém fez isto em lado nenhum.

- Claro.

- Não há a nível... eu fiz parte como eu lhe disse, aí de organização a nível regional e nunca ninguém foi capaz de fazer isto. Mas isso faz-se com muito sacrifício e foi ainda num tempo bom, porque a gente chegou a uma certa altura, se calhar metade do tempo que a gente lá teve (sic) já não arranjamos nada porque as pessoas opois (sic)... a malta é assim na (sic) temos ... teve duas questões que forem (sic) fundamentais pra (sic) isto, se alguém me entrevistar sobre isso eu sei dizer porque é que isto na (sic) funcionou, primeira questão, nós os trabalhadores, os camponeses trabalhavam (sic) por conta d'outro na (sic) tavem (sic) ganhos pra (sic) isso, nem tinham (sic) condições pra (sic) isso porque nunca tinham (sic) ganhado dinheiro pa (sic) trabalhar, nunca tinham (sic) ganhado salários tão bons, nunca tinham (sic) recebido subsídios e quando receberem (sic) envaidecerem (sic), aí acabou o controle. Pronto aí não era, não havia hipótese de se organizarem, por outro lado os bens que nós recolhemos naquele tempo o objectivo era destruir, a Reforma Agrária, se vocês na (sic) sabem os vossos pais ou avós sabem, o objectivo era destruir, foi quando criarem (sic) opois a política de dentro, das cooperativas. Para mim não havia nenhuma hipótese, não se podia por disciplina ná (sic) havia leis, as leis nós é que púnhamos e as pessoas quando chegou aquela altura que eu tou (sic) a dizer, todos são donos, todos mandamos. Ora isso na (sic) chega a lado nenhum. Portanto, não há hipótese nenhuma, nem há, nem houve e mesmo cos (sic) Governos apoiassem isso tamém (sic) na havia à mesmo porque na (sic) havia condições para isso porque as pessoas na (sic) se entendiem (sic). E se os Governos na (sic) tirem (sic) as terras à força isso era tudo entregue ao fim, mais 2 ou 3 anos na (sic) havia nada, porque se as pessoas fossem obrigadas a pagar todo o dinheiro que pediem (sic) emprestado, porque há os que ficarem (sic) a dever ao Estado, na (sic) funcionavam (sic) caiem (sic) logo.

- Pois, exacto. Depois também há a questão dos mais novos já não dedicarem à agricultura, comecem a emigrar...

- Sim, aconteceu o seguinte, vocês sabem disso, que aí 50% das pessoas que opois (sic) forem (sic) estudar, não iem (sic). Se não houvesse esta liberdade pa (sic) ir e estas condições de ir, não iem (sic), tinham (sic) de vir pó (sic) campo, na (sic) vierem e fizerem (sic) eles bem, eu dei sempre esse apoio à juventude, nunca... todos os sitios onde eu tive (sic) tinham (sic) sempre o meu apoio pra (sic) isso, porque eu sabia o que tinha passado no campo e na (sic) queria que os outros passassem.

- Sim, mas acaba por se perder também este meio de sustentabilidade da terra.

- Sim e perdeu-se este meio, porque essas pessoas todas que trabalharem (sic) aqui na cooperativa durante esses 25 anos que tiverem (sic) tudo, as que na (sic) se reformarem (sic) e que na (sic) tiverem (sic) condições pra (sic) isso, nunca mais tiveram (sic) essas regalias e nem nunca mais ganharem (sic) dinheiro assim. E se isso fosse capaz de ser organizado era assim, mas pronto aquilo é o que eu costumo a dizer, porque aquilo foi... quem foi administrar as cooperativas foi os trabalhadores, a malta, alguma, outra, erem (sic) escolhidos e administravam (sic) e isso aí forem (sic) tirados donde tava (sic) os outros, uns calharem a ser bons, outros calharem a ser ruins. E ás vezes discutia aí com os gajos que erem (sic) donos das terras e que são ainda... eles diziam “é na sabiem (sic) administrar...” opois (sic) eu dizia-le (sic) “ não, a gente veio do mesmo sitio donde vocês vierem (sic), vocês... há indivíduos que na tinham (sic) nada e arranjam (sic) fortunas e havia outros que tinham (sic) munto e estragarem (sic), vocês os que arranjam (sic) à custa dos outros sabiem (sic) administrar, os que estragarem (sic) o que lhe tinham (sic) dado ou deixado dos pais na prestavam (sic)”. portanto a gente é precisamente a mesma coisa, têm aí o exemplo, eles opois (sic) pra (sic) mim na (sic) podiem (sic) mexer em nada, nem podem ainda. Pronto, a situação funcionou assim, e agora...

- E agora acabou tudo.”

1.2. Unidade Colectiva de Produção Agro-pecuária – Cooperativa de Produção Agrária 21 de Maio S.C.A.R.L.



(O texto abaixo elaborado foi realizado com dados e pormenores existentes no acervo, até 10 de Dezembro de 1977).

1.2.1. História administrativa

No dia 21 de Maio de 1975, 12 trabalhadores há muito desempregados fazem a ocupação de cerca de 900 ha que constituíam parte da herdade de Martingil, com o nome de Vale da Almofala. Esta área estava totalmente inculta, não trabalhava ali ninguém, não havia uma máquina, ou uma alfaia e nem uma cabeça de gado.

Durante meses estes trabalhadores tiveram de trabalhar acompanhados das suas espingardas para se defenderem das agressões constantes de que eram vítimas, quer por parte da reacção de que era pródiga a zona, próxima do Gaviãozinho, quer por parte de trabalhadores por ela ainda manipulados. Estiveram oito meses sem receber um tostão de salários, mas com a unidade e firmeza os trabalhadores venceram todos os obstáculos.

Entretanto, iam desbravando o mato e cultivando as terras, e aumentando o número de trabalhadores dispostos a lutar.

Em 25 de Novembro de 1975 já eram 18, quando ocuparam a herdade vizinha chamada Cortadouros, do mesmo dono. Apesar das ameaças de expulsão com prazos fixados pelo agrário, e seus lacaios, nada os demoveu dos seus objectivos de conquistar as terras a que tinham direito. Aqui mais uma vez venceu a unidade e a firmeza dos trabalhadores perante as quais os agrários ainda hoje tremem de medo. Nesta propriedade também não havia nada. Nem máquinas, nem alfaias, nem gado, nem um trabalhador efectivo.

A luta contra o agrário tinha terminado; a luta agora era outra:



- Aumentar a produção agrícola nestas terras, aumentar a riqueza de PORTUGAL.

Com a expropriação, em Janeiro de 1976, das propriedades de Marmeleiro e Martingil e perante o abandono destas por parte dos agrários, os trabalhadores ali existentes onze num total de 3128 ha, decidiram integrar-se assim como às terras na cooperativa.

Neste conjunto de herdades não existia nada, a não ser matagais, florestas, terras incultas e trabalhadores sem salários há alguns meses ao ponto da cooperativa lhes ter de adiantar dinheiro imediatamente para comprarem os alimentos necessários à sua sobrevivência. Os agrários não deixaram nem uma máquina, um tractor ou uma cabeça de gado e até alguns dos barracões já nem telhas tinham, pois já as haviam levado para outras das muitas propriedades que ainda possuíam à beira Tejo. Antes disto ainda levaram alguns destes trabalhadores para herdades que tinham na borda de água a dormirem em palheiros do gado e sem lhes pagarem mais um tostão, já à algum tempo sem receber salários, então estes trabalhadores ai pensaram em organizar-se e formar uma Cooperativa Agrícola, em 26 de Fevereiro de 1976, o dia em que estes trabalhadores avançaram e começaram a desbravar os matagais e juncais e a preparar as terras, chegaram ainda a decidir o nome para a Cooperativa que era o de Cooperativa Agrícola Boa Fé, mas dias depois estes trabalhadores pensaram ligar-se aos trabalhadores de Cortadouros, e assim os trabalhadores das duas partes reuniram e decidiram ligar todas as herdades e ficar uma só Cooperativa, e decidiram ficar com o nome mais velho, Cooperativa 21 de Maio, e foi feita a escritura e legalizada.

Nesta altura a área controlada pela cooperativa era de 3128 ha (segundo a matriz), apenas 200 a 250 ha têm condições para serem cultivados, mas para o conseguir tiveram de os desbravar e drenar grande parte dos vales. A parte restante é constituída por montado cerrado, apenas com algumas pontas onde é possível fazer algumas culturas de pragana, o resto são eucaliptais e pinhais.

Actualmente já com 3 tractores equipados, cada um com reboque e todas as alfaias necessárias ao arranjo e sementeira das terras, 4 moto-bombas de 3 pol., 4

atomizadores, 8 motosserras, 1 descarolador-descamisador, 1 debulhadora e 1 ceifeira – debulhadora. Ainda 257 cabeças de gado caprino e 78 cabeças de gado vacum. Dum total de cerca de 4130 contos de investimentos, apenas conseguiram do I.R.A. a irrisória quantia de 371.200\$00, com prazo de 5 anos para comprar um tractor, a parte restante pago com fundos da cooperativa, e com o recurso a livranças bancárias com prazos a 6 meses. Nesta altura trabalhavam na cooperativa 41 homens e 19 mulheres, todos permanentes. Destes, 34 são chefes de outras tantas famílias que englobam um total de 124 pessoas que, na prática, dependiam da cooperativa.

Neste momento em Foros do Arrão não existia desemprego; e mais, a cooperativa tinha capacidade para absorver mais mão-de-obra...

Por nos parecer relevante, transcrevemos abaixo um excerto de uma entrevista realizada a uma cooperante desta cooperativa:³⁷

“- E depois segundo eu sei surgiu aí a Reforma Agrária...

- Sim.

- Conte-nos lá um bocadinho do que se lembra.

- Olha... o que é que eu me lembro? Da (sic) andar aí feitos tontos com paus atrás uns dos outros e a correr aí por esses cabeços. Íamos aqui pós (sic) cortadores... juntavam-se ali todos à espera de aparecer os patrões e os donos daquilo e a gente ali todos com paus e às vezes os patrões aparecerem lá de longe e a gente abalar... eu nunca abalei atrás de ninguém... eu sou sincera, eu tinha muita (sic) medo, eu tava (sic) lá só a fazer o de junto (sic) que eu tinha muita (sic) medo. Quando os via vir, isso tinha medo e levantava-me, mas lá fugir atrás das pessoas com pais e isso assim não. Pronto, passávamos ali grandes dias ali sentados à espera pa (sic) tirar a terra pra (sic) eles darem a terra a gente... a gente não queria a terra, a gente só queria era lá trabalhar.

- Nessa altura não havia trabalho não era?

- Não havia trabalho, tava (sic) tudo em casa, só os nossos pais é que trabalhavam e pouco, e pouco. Trabalhavam para o tio do Isidro, pró ti Antónho (sic)

³⁷ Vide em Anexo II entrevista completa

Tomé, outros assim pó (sic) Manel (sic) Florindo, outros tinham assim uma searitas de arroz trabalhavam e as mulheres era só quando era plantar o arroz e de Inverno no mato. Depois começou a haver aquilo e a gente começou a querer ir práli (sic), a gente queria era trabalhar... pronto mas eles na (sic) queriam deixar a terra... mas a gente sofreu muito com isso. Depois no fim já d'agente (sic) ali tar (sic) abalávamos ali pra (sic) essas... pra(sic) Portalegre e pra(sic) esses lados e assim e fazer aquelas revoluções naqueles tractores... oi mãe (sic), tanta coisa que aconteceu... credo. Quando foi aquilo ali das Almoinhas, a gente ali na Ponte de Sôr, todos ali à porta do Tribunal... tudo ali, vem aqueles cães, aquele gente toda, aqueles guardas todos a bater neste e a bater naquele e agente tavamos (sic) cá atrás, fugirmos (sic) todos lá pra (sic) dentro da casa duma velhota para fugirmos à porrada (sic).

(...)

- Andávamos todos a lutar pelo posto de trabalho. Depois lá conseguimos ficar ali com aquilo, práli (sic) andemos(sic). Depois chegamos a ir de noite para Portalegre com uns papelões enfiados na cabeça com umas coisas escritas à frente e atrás... de noite... ai meu Deus. Houve lá um dia, eu nesse dia na (sic) fui, foram também (sic) lá todos a todos a correr, a guarda avançou lá junto com eles, todos a correr.

(...)

- A gente sofreu muito, mas depois tavamos (sic) ali bem, depois ali aquilo era bom.

- Depois trabalharam muitos anos, tinham as suas regalias sociais, tinham descontos...

- Pois, depois tavamos (sic) ali bem, foi ali que começamos a ter descontos para a caixa, foi ali que a vida começou a melhorar alguma coisa, que... hoje se temos (sic) alguma reforma, se temos alguma coisa a isso agradecemos, eu já era sócia da Casa do Povo, mas... pronto, as regalias que temos da caixa e isso assim começou ali. Depois começamos a descontar, descontávamos poucachinho (sic) mas... pronto descontávamos aquilo que era naquela altura, chagávamos ao fim do ano e às vezes não havia trabalho, íamos pó (sic) desemprego, foi ali que a gente começou a ter direito ao desemprego e essas coisas assim...

- A acha que valeu a pena? Foros do Arrão desenvolveu-se muito com a reforma agrária.

- Valeu, valeu, valeu a pena e foi pena acabar, valei sim senhora. Valeu a pena porque hoje há aí muitas pessoas que já morreram e outros que ainda estão vivos claro que não tinham aquilo que têm hoje. Desde que as cooperativas acabarem (sic) a nossa terra não é nada hoje.

(...)

- Depois pó (sic) fim aquilo já era bom, começamos a ir páquelas (sic) Conferências, páqueles (sic) Comícios, aquilo já era bom. Íamos pás (sic) Conferências pa (sic) Évora, já era bom, e aprendia-se muito e íamos passear. Pó (sic) fim até já tínhamos um autocarro pa (sic) nos levar. Era muita (sic) bom, mas tudo acaba.

(....)”

Muito mais temos para trabalhar sobre estas duas empresas “populares” e as suas gentes, visto que temos todo o espólio inerente a estas duas empresas. Estudar quer sociologicamente, quer a nível da Animação Cultural e Educação Comunitária que se verificou neste período.

Esse estudo e curiosidades, nomes e outros dados históricos, devido à pouca distância de tempo percorrido entre a extinção dessas cooperativas e hoje. Vamos estudá-los e compilá-los na certeza que mais tarde servirão para alguém melhorar consideravelmente esta monografia.

Bibliografia

- ANDRADE, Primo (1986) “Cinzas do Passado”, Edição da Câmara Municipal de Ponte de Sôr;
- MOREIRA, Isabel (1994) “Iniciação à Museologia – Caderno de Apoio”. Editado pela Universidade Aberta.
- ROBSON, Eleonor (2001) “Words and Pictures: New light on Plimpton”. The Mathematical Association of America, pg. 105-119.
- VIDIGAL, Luís. Os testemunhos orais na escola, História Oral e Projectos Pedagógicos, Edições Asa, 1996.

Webgrafia

- A Grécia Antiga - http://members.tripod.com/everton_herzer/grecia.htm.
- Destination Stockholm – www.estocolmo.com.pt.
- Discovery Channel - www.discoverybrasil.com/guia_grecia/index.shtml.
- Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – www.educ.faa.ul.pt.
- Guia Geográfico – Grécia - www.guiageo-grecia.com.
- <http://letraslivroseafins.blogspot.com/2007/04/cuneiforme.html> - consultado a 9 de Junho de 2011.
- Infopédia- www.infopédia.pt.
- Louvre Museum official Website – www.louvre.fr.
- Mundo Antigo- <http://http://www.tg3.com.br/grecia>.
- Nota positiva – www.notapositiva.com/dicionário_história.

- Ponto de vista – <http://opontodevistadeligialeal.blogspot.com>.
- Universidade de Coimbra - www.uc.pt.
- Wikipédia – [www. wikipedia.com](http://www.wikipedia.com).
- Wikitravel- www.wikitravel.org/pt.

Anexos

Anexo I – Entrevista completa do Sr. José Maria Felisberto

Entrevista D

José Maria Felisberto

- Vamos então dar início à nossa entrevista com o senhor José.
- Senhor José conte-nos lá uma coisa. De onde é que era a sua família?
- Eu sou natural daqui de Vale de Cavalos, do concelho da Chamusca.
- E os seus pais?
- E os meus pais eram de São Facundo que é um pequeno concelho de Abrantes.
- E as profissões dos seus pais?
- Agricultores.
- Agricultores os dois?
- Sim.
- E que estudos é que eles tinham?
- O mesmo que tinham quando nasceram.
- Nunca foram à escola. Sabiam escrever o nome pelo menos?
- Não, não sabiam nada.
- Então e quantos irmãos é que o senhor José teve?
- Sete, comigo oito.
- Então senhor José diga-me lá aqui uma coisa. Quantos anos é que tinha quando surgiu aqui a electricidade nos Foros?
- Quantos anos é que eu tinha?
- Sim.
- Cinquenta e dois.
- Então e diga-me outra coisa, nasceu onde?

- Num casal que é a Calha do Grou que fica na freguesia de Vale de Cavalos. Num casal era o que havia dantes, eram os montes.
- Então e depois veio logo para aqui, não?
- Tive lá até à idade de vinte e quatro anos e depois casei e vim para aqui para Foros do Arrão.
- O senhor José disse-me que quando surgiu aqui a electricidade tinha cinquenta e dois anos, e a água lembra-se?
- A água foi mais tarde, a água foi agora já... agora... já tinha setenta anos. Desculpe, não foi nada, tinha sessenta e sete, foi no último mandato que eu tive aí, tinha sessenta e sete anos.
- Não, desculpa lá a água, a água veio um bocado mais tarde, veio logo a seguir à luz não foi.
- Não, veio um bocado mais tarde, foi no último mandato que eu cá tive (sic).
- A água? A agua que nós temos aí nas torneiras, não. Você deve tar a confundir (sic), desculpe lá, mas o camarada... então escute lá, veio a luz e veio logo a seguir a água.
- Ainda demorou.
- Mas não foi no seu último mandato, repare lá bem, você teve lá dez ou quinze anos e a água veio logo um ano ou dois depois.
- Espera, espera.
- Você deve estar confundido camarada.
- Pois tou (sic) ... a água veio quando o Pinto veio para aí...
- Não, então a água...
- Acabou... já andava
- A primeira água que veio para aqui para os Foros do Arrão das torneiras, foi o Flausino que fez o depósito, não se lembra...
- Isso foi aqui em cima, pois tá bem (sic), eu sou lá de baixo, na tava... tava a passar (sic).
- Pois.
- Foi pouco tempo depois a seguir à electricidade.
- Foi.
- E antes de haver a electricidade e a água como é que faziam?
- As pessoas tinham luz com uns candeeiros que havia, candeeiros de vidro com uma chaminé em casa e nas restantes coisas que haviam armazéns, coisas onde se

arrecadavam outros materiais era um candeeiro desses dos palheiros, um candeeiro com arco, em lata tudo a pitrol (sic).

- E as higiènes, como são que as pessoas faziam as higiènes?
- Dantes era, cada um tinha que se desenrascar como podia, o banho tomava-se nas barragens, nas presas, nessas coisas assim e a cara lavava-se em casa.
- Pois exacto.
- Só, o resto nesse tempo não havia mais nada.
- E como é que era com a ida à casa de banho, não havia casa de banho?
- Era á campo...
- Depois a partir daí foi crescendo, foi brincando, como é que era os jogos, os brinquedos que usava quando era pequenino?
- Era vários brinquedos, era jogar à porca, ao pau...
- Brincava... quais é que eram os jogos que tinham?
- Eram jogos de cartas...
- Jogavam às cartas já?
- Já sim e jogávamos à bola com uma bola de trapos e assim se passava o tempo, principalmente eu, que eu aos cinco anos comecei logo a trabalhar.
- O que é que fazia senhor José?
- A guardar ovelhas mais um home (sic) e ia-o ajudando e fui andado assim até chegar a outra idade, depois aos doze anos comecei a cavar.
- E não foi à escola?
- Não, nunca fui à escola.
- Então e agora outra coisa, com doze anos estava-me a dizer que começou a cavar, e depois a seguir a isso o que é que fazia?
- Continuei sempre.
- Sempre a cavar?
- A cavar, a trabalhar no campo, cantoneiro.
- E trabalhava para quem?
- Diversos.
- Teve diversos patrões, sempre no campo na agricultura?
- Era sim.
- E diga-me outra coisa, lembra-se da Praça de Jorna?
- Lembro.
- Conte-me lá aí um bocadinho como é que era?

- Era... estamos mesmo aqui no sítio onde era, era aqui neste largo. Nós queríamos arranjar trabalho e vínhamos prá qui (sic) ao Domingo à tarde, juntávamo-nos aqui, havia também divertimento para a juventude, havia sempre uns bailaricos a toque de acordeão e ali aparecia as pessoas que precisavam de pessoas para trabalhar.
- Ou seja apareciam os patrões, os ditos patrões e as pessoas que procuravam trabalho.
- Depois eles chegavam ao pé das pessoas e perguntavam, depois os patrões se entendiam que lhe serviam ou se não lhes davam o que eles queriam iam à procura de outro. Era assim que se arranjava trabalho, se alguns não arranjavem (sic) ficavam parados.
- Pois, esperavam pela próxima.
- E durante a semana às vezes ia-se ali e aqui e ia-se arranizando alguma coisita (sic)
- Outra coisas, e como é que funcionava, tinha dias certos para haver aqui a Praça de Jorna, ou era quando...
- Era todos os Domingos.
- Ai era todos os Domingos que havia.
- Então e diga-me lá outra coisa, enquanto trabalhava como é que era a sua alimentação, o que é que comia, onde é que comia?
- Nesse tempo comia-se no campo, levava-se qualquer coisa para cozinhar e cozinhasse lá, fazia-se um lumito (sic) havia cozinheiras ou cozinheiros e utilizávamos os produtos hortícolas, das hortas, couves, feijão, batatas, arroz. Era aquelas coisas tudo mais vago não é (sic). Fazia-se umas batatitas cozidas e tava o almoço feito (sic). Mas comia-se.
- Pois, exacto e eram bem mais saudáveis do que somos agora.
- Posso ainda acrescentar uma coisa, era melhor e havia mais harmonia do que há agora.
- Bem que eu acredito senhor José. E o vestuário, como é que era o vestuário, o que é que usava para levar para o campo.
- Usávamos uma camisa, umas calças...
- E sapatos, já havia sapatos nessa altura?
- A maior parte não, eu calcei as minhas primeiras botas tinha dezoito anos, até aí nunca calcei nada.
- De Inverno e de Verão sempre descalço. Entretanto foi trabalhando, trabalhando sempre no campo certo, até que começou a namoriscar, conte lá como é que foi?
- É fácil.
- Então conte lá.

- Então andava na tropa.
- Foi à tropa... deixou o campo e foi à tropa...
- Tinha vinte anos e foi para a tropa, no fim de tar na tropa (sic) é que arranjei o controle (sic) com a mulher que ainda tenho hoje.
- Então e esteve na tropa onde?
- Em Portalegre, de Portalegre fui para a Covilhã, da Covilhã fui para a Índia.
- Andou quantos anos nessas andanças?
- Trinta e seis meses.
- Entretanto depois saiu da tropa e veio, tornou a vir para os Foros do Arrão?
- Tornei a vir para os Foros para a mesma profissão.
- Entretanto depois começou a namorar...
- Já namorava, sempre namorei, a mesma que tinha quando fui para lá foi a mesma que tinha quando vim da tropa.
- Então e os pais sabiam?
- Sabiam, sabiam, agente naquele tempo não fazia nada às escondidas, era tudo às descobertas.
- E tinha dias para namorar ou era quando calhava, como é que era?
- Era quando se podia e quando havia tempo para isso, é que eu namorei trinta meses sem se vermos.
- Foi o tempo que teve lá...
- E depois a seguir veio e pensou em casar certo, conte lá, casou logo assim que veio?
- Casei logo.
- Conte lá como é que foi?
- Casei e comecei a trabalhar à mesma (sic) e voltei a passar a tal miséria que já tinha passado, com dificuldades de viver e depois de um ano aparece uma filha... foi assim um bocado difícil.
- Depois a seguir a isso voltei-me para agricultor, a trabalhar para mim de vez quando.
- E antes disso, onde é que foi a festa do vosso casamento?
- Foi na casa da noiva.
- Tinham por tradição ser na casa da noiva, ou foi porque calhou ser?
- Era conforme calhava, podia ser num ou noutro. Não havia nada assim que distingui-se.
- E quando casou foi viver para uma casa sua, como é que foi?
- Fui viver para uma casa de outra pessoa, uma casa alugada.

- Então e diga-me outra coisa, quantos anos tinha quando casou?
- Tinha vinte e quatro anos.
- E continuou a ser agricultor por conta própria?
- Era umas vezes por conta própria e quando sobrava tempo do meu trabalho ia trabalhar por conta de outros.
- E a sua esposa, o que é que ela fazia?
- Fazia a mesma coisa que eu, trabalhava no campo.
- Então e quantos filhos teve?
- Duas filhas.
- Então e as filhas nasceram em casa ou nasceram no hospital?
- Uma nasceu em casa e outra no hospital. A mais velha nasceu no hospital de Abrantes e a outra nasceu em casa.
- Que engraçado, a mais velha é que foi nascer ao hospital.
- Foi.
- E elas frequentaram a escola possivelmente.
- Elas chegaram até à sexta classe naquele tempo.
- E como é que elas ocupavam os tempos livres, como é que elas brincavam nessa altura, já era um bocadinho melhor do que foi no seu tempo?
- Intertiem-se (sic) por aí umas com as outras, depois quando chegaram aí aos dez anos já iam para aí para os bailaricos, andavam (sic) sempre aí nessa questão.
- E a alimentação delas melhorou em relação à sua?
- Melhorou um bocadinho, pelo menos para a mais nova, a outra... têm dez anos de diferença uma da outra, e então melhorou um bocadito, veio vindo, pois... quando chegou a altura de ser tudo melhor começou a ser tudo melhor.
- E o vestuário delas também começou a ser... já era melhor, já tinham a sua roupinha?
- Já, já se calçavam, já tudo. A vida era outra e depois a actividade que eu tomei, fazer agricultura para mim e a questão financeira começou a avultar (sic) a mais...
- No fim de isso tudo surgiu aqui nos Foros a Reforma Agrária.
- Sim.
- Conte-nos lá.
- Antes da Reforma Agrária surgiu o 25 de Abril.
- Exacto.
- Surgiu o 25 de Abril que nós já esperávamos à muito tempo, demorou muitos anos à espera mas até que enfim veio...

- Mas quem espera sempre alcança.
- Sempre veio mas não foi o fim que nós pensamos mas pronto, foi o que foi.
- Exacto.
- E com o 25 de Abril as pessoas que garantiam trabalho, os postos de trabalho, com o 25 de Abril começarem (sic) a deixar de trazer pessoas, obrigavam aí umas pessoas a ir trabalhar e chegou a uma certa altura havia gente já sem trabalho e sem comer e sem dinheiro. Foi quando se pensou em iniciar a Reforma Agrária, desorganizada, já se sabe, não havia organizações dos Governos, sem disciplina, sem nada disso. Nós aqui, se vocês querem que eu lhe diga como é que nós começámos aqui...
- Queríamos.
- Nós começamos aqui no dia 19 de Maio de 1975, havia aqui várias pessoas sem dinheiro, sem comer e sem trabalho, não era eu, eu tinha outra vida de outra maneira e então juntarem-se (sic) para ir ocupar uma herdade que tá (sic) logo aqui que é o Arrão de Cima e começamos a trabalhar, depois chamarem-me (sic) pa (sic) ir tamem (sic) para lá, eu como político fui, e não havia nada, não tinham nada semeado, era já em Maio, dava para fazer pouco.
- Exacto.
- Tentamos ainda fazer alguma coisa, mas depois as pessoas não podiam lá trabalhar todas aquelas que forem (sic) e atão (sic) iam umas trabalhar para a tirage (sic) da cortiça, trabalhavam e o que eles ganhavam (sic) vinha para o conjunto da Cooperativa e as outras pessoas que andavam (sic) a trabalhar cá, trabalhavam (sic) para a Cooperativa. E atão (sic) o que é que se fez? Os que podiem (sic) melhor não recebiem (sic) nada, trabalhavam (sic) e não recebiem (sic), ficava em depósito. E os outros que podiem (sic) menos, recebiem (sic) metade, metade do salário que era para viver e fizemos isso quase durante seis meses, cinco meses e tal quase seis meses, e continuou-se a trabalhar, mas nunca se podia fazer muita coisa porque não era altura já de fazer culturas. A partir daí depois a coisa melhorou porque veio um crédito, que eles chamarem (sic) o crédito de emergência, o Estado emprestou esse dinheiro e então nós íamos, faz de conta que o Estado era o patrão, nós fazíamos a folha do pessoal que trazíamos a trabalhar e íamos buscar o dinheiro ao fim da semana e pagava-se. Nós começamos a trabalhar e depois como o trabalho era pouco ainda fui para o sítio onde eu andava, eu era encarregado aí de um indivíduo e fazia as minhas coisas, era encarregado aí de um indivíduo, mas depois os meus colegas não se entenderem (sic) pararem (sic) e forem-me (sic) chamar e eu tive (sic) que vir outra vez. Vim e continuei

com um objectivo, de fazer disto uma firma como mandava a lei, com Fundos de Maneio, com tudo, sem andar... e atão (sic) pronto, tive (sic) que pegar nisto da maneira que eu entendi que era melhor e consegui fazer o que ninguém fez e atão (sic) continuamos a trabalhar, ca quele (sic) dinheiro arruma-se as coisas, no outro ano a seguir arranjou-se... liquidou-se os salários todos às pessoas, pagou-se à Segurança Social o atrasado todo daquele tempo que na (sic) havia dinheiro, não houve ninguém que ficasse prejudicado com isso e continuámos a trabalhar... ao fim de dois anos tínhamos dinheiro para trabalhar o ano inteiro e já trabalhavam (sic) cá cento e tal pessoas, todos sócios, na (sic) trabalhou ninguém sem ser sócio. E atão (sic) essas cento e tal pessoas durante vinte e cinco anos trabalharem (sic), quando havia trabalho trabalhavam (sic), quando não havia tavam (sic) no desemprego, se tavam (sic) doentes tavam (sic) com baixa, nunca perderam tempo nenhum, e os descontos, tudo em dia. Aquelas dívidas que... desse dinheiro e mais uns tractores que se compravam (sic), pagou-se tudo, ao fim de cinco anos tínhamos dinheiro para tudo e não havia dívidas, nem pa (sic) trabalhadores, nem pó (sic) Estado... esta cooperativa não ficou a dever nada a ninguém... e continuamos a trabalhar da maneira que se parecia que era melhor, fez-se uns investimentos... já, os investimentos só se fizeram quando havia dinheiro para utilizar, porque o pedir dinheiro emprestado, como muitos colegas meus fizeram (sic), esses ficaram a comer junto com as pessoas e nunca chegaram (sic) a lado nenhum... o dinheiro que se pode pedir emprestado ou que se podia pedir era simplesmente para fazer alguma cultura que se queria naquela ano, que era para haver algum lucro, agora investimentos fixos e outras coisas dessas não. E atão (sic) continuámos a trabalhar e passarem (sic) por cá duzentas pessoas e... uns abalarem (sic), cada um abalou quando quis, ninguém proibia ninguém e continuamos a trabalhar assim, as pessoas... começou-se a ganhar salários superiores, foi o sitio onde os trabalhadores agrícolas tiverem (sic) as regalias que tinham (sic) os funcionários públicos, iguais, foi aqui nesta cooperativa, os subsídios, as férias, os feriados, os dias por morte, do casamento, passarem (sic) a ter tudo.

- Então quer dizer que a reforma agrária foi um benefício aqui para a zona?

- Eu já vou acabar de dizer o resto se me permitirem. Durante 25 anos a cooperativa garantiu aqui postos a uma volta de... entre cem pessoas, cento e vinte e cinco. Durante 25 anos essa gente teve cá trabalho para trabalhar à vontade, nunca ninguém se preocupou para onde é que ia trabalhar no outro dia, nunca se preocuparem (sic) com transporte, o transporte tava-lhe (sic) sempre à porta todos os dias, nada..., essa gente

veio, fez o primeiro desconto pá (sic) Segurança Social, reformou-se, tão (sic) hoje reformados, sem terem qualquer preocupação no trabalho, no tratamento dos papéis que eram (sic) necessários pa (sic) tudo, quando havia problemas quem os ia resolver era eu, as pessoas nunca se preocuparam... e não houve aqui ninguém, nenhuma firma que garantisse durante 25 anos cento e tal postos de trabalho como a cooperativa. As pessoas aqui nos Foros do Arrão se quiserem ser correctas, nunca viverem tão (sic) bem como nesses 25 anos, foi o que aqui apareceu, tinham (sic) tudo o que queriam, não era só os que lá trabalhavam, era os outros, a cooperativa fornecia tudo o que eles queriem (sic), carne, cereais, palha, toda a bagage (sic). Fornecia-lhe tudo e a uma certa altura só pagavam (sic) quando queriem (sic), teve que se apartar um bocado (sic), que opois (sic) as coisas começarem (sic) a correr mal e atão (sic) foi isso que se passou até uma certa altura, mas também isso não foi tudo bom, aquilo teve opois (sic) ... aconteceu o pior, a uma determinada altura meteu-se lá a política no trabalho e eu dei aí uma entrevista a um jornal que não sei onde é que ele anda e disse que não misturava a política com o trabalho, o título do jornal... mas foi... infiltrarem-se (sic), as coisas começarem (sic) a correr mal, depois tamém (sic) desde que a gente foi pá (sic) CEE, fomos pá (sic) Comunidade Europeia, é a mesma coisa, a agricultura morreu na situação em que temos (sic) agora. Depois a partir daí quando isso começou a ser assim teve que se alterar ali uma serie de coisas e foi indo até que as coisas ao resto... o que havia tava (sic) a abalar e eu fui obrigado a suspender, aquela... já não havia... as pessoas mais velhas reformarem-se (sic), os novos não gostavam (sic) de cavar, vocês sabem disso melhor do que eu... e atão (sic) não havia gente pa (sic) trabalhar e os que trabalhavam (sic) já não era como era dantes, antigamente, como era no princípio e atão (sic) teve que cessar, as terras que havia entregarem-se (sic) e em determinada altura fez-se uns títulos para as pessoas, títulos de investimento, na pagarem (sic) e ficarem (sic) a receber esse dinheiro, quando chegou a altura recebiem (sic) esses que se reformavam (sic) recebiem (sic) logo e os outros quando chegou à altura do fim disto terminar, receberem (sic), receberem (sic) esses títulos de investimento e depois sobrou dinheiro ainda e voltou a ser devvido (sic). Portanto, ninguém deu dinheiro a pessoas sem trabalhar senão aqui a cooperativa.

- exacto.

- fui eu que criei essa situação toda. Eu tou (sic) a tentar, tenho é pouco vagar porque eu continuo a ser agricultor, tenho pouco vagar, tou (sic) a tentar fazer e tenho feto (sic) já

uma parte até uma certa altura, a biografia da cooperativa, como é que ela começou, as características, como é que começou, como é que não começou...

- a evolução.

- a evolução, como é que foi evoluindo, o que é que opois (sic) veio de mau, o que é que opois (sic) foi de bom, o que é que as pessoas tiveram (sic) e não tiveram (sic) e opois (sic) também (sic) um pequeno toque no comportamento das pessoas.

- exacto.

- é isso que se tá (sic) a ver agora e atão (sic) foi ... as pessoas receberem (sic) o dinheiro consoante o tempo que trabalharem, pa (sic) ser legal era conforme a produtividade de cada uma, mas isso era difícil, nós na (sic) tínhamos capacidade pa (sic) fazer isso e atão (sic) o que eu intendi (sic) de fazer isso pa (sic) fazer o que tinha prometido, porque eu na (sic) disse... no primeiro dia que a gente reuniu, nesse dia 19 de Maio de 1975 eu disse que íamos trabalhar pa (sic) um conjunto e se houvesse lucro que era devedido (sic) para todos.

- Exacto.

- E eu cumpri isso, foi isso que eu fiz, mas como não havia condições pa (sic) fazer conforme, consoante o que cada um trabalhava, fez-se po (sic) tempo. Não houve ninguém que lá trabalhasse mais ca (sic) um mês que na (sic) recebesse dinheiro, depois recebia consoante os meses que tinha trabalhado. Eu mandei fazer lá um apanhada em 1987, um apanhado das pessoas que lá tinham (sic) trabalhado até essa data, mal feto (sic) ou bem feto (sic) foi feto (sic), um home (sic) demorou dois anos a faze-lo, era pa (sic) ficar bem feto (sic), e fez-se um calculo ó cavia (sic) ós (sic) bens da cooperativa e ó (sic) dinheiro, o que era tudo lucro porque se foi para lá sem nada e esse lucro opois (sic) foi devedido (sic) em dois títulos, um titulo com 48% e outro com 52% , chegou a uma certa altura que foi obrigatório as pessoas associarem-se (sic) todas como devia ser e atão (sic) abriu-se as inscrições pa (sic) quem lá tinha trabalhado, mesmo que já na (sic) tive-se a trabalhar podia-se inscrever como sócio, mesmo que na (sic) trabalha-se era sócio à mesma, o que aconteceu com muntos (sic), inscreverem-se (sic) poucos, uns se calhar na (sic) tinham (sic) dinheiro, na (sic) sei se tinham (sic) se não, outros na (sic) queriem (sic), porque aquilo era preciso dinheiro... inscreverem-se (sic) só 64, esses 64 receberem (sic) os títulos igual aos outros que tinham (sic) a receber e já tinham (sic) lá esse dinheiro à 3 anos, mas E atão (sic) isso... mas sobrou dinheiro dos títulos... na (sic) havia muitas condições pa (sic) devidir (sic), só era, só pa (sic) sócios, devia de ser só pá (sic) queles (sic) 64, mas ficavam (sic) os outros sem nada, porque havia muntos

(sic) que tinham (sic) trabalhado só 2 ou 3 meses e tavem (sic) lá, erem (sic) sócios e levavam (sic) se calhar munto mais que os outros... os outros na (sic) levavam (sic) nada que tihem (sic) trabalhado 7 ou 8 anos, 10 ou 12 e atão (sic) eu propus que... era a única coisa que podia fazer era abrir a inscrição pa (sic) sócio, pa (sic) se fazerem (sic) sócios ca (sic) cota igual, mas pa (sic) convencer aqueles, que aquilo tinha que ser votado em Assembleia fiz outra proposta pa (sic) cada um receber 500 contos ainda em dinheiro português nessa altura. Desses 64 cada um, foi igual pa (sic) todos, tanto fazia ter trabalhado munto (sic) como pouco, o dinheiro da cota era igual só que tinha que ser assim, recebemos esse e opois (sic) ficou o outro, ca (sic) gente na sabia o que é que lhe havia de fazer, mas tínhamos que deixar tamém (sic) um pouco para entregar aí a uma instituição e atão (sic) fomos ver como é que era e só pode ser assim, abrimos inscrições e mandamos uma carta directa para cada pessoa que lá tinha já trabalhado, fomos ver aos nomes os que tinham (sic) recebido dinheiro. Ora os que tinham (sic) trabalhado, uma carta para se inscreverem com um prazo pra (sic) se inscrever e forem-se (sic) inscrever mais 99, inscreverem-se 99, mas ainda ficarem (sic) aí uns 20 e tal que lá tinham (sic) tamém (sic) trabalhado que na (sic) se inscreverem (sic), na (sic) podiem (sic) outros na (sic) quiserem (sic) e foi a maneira da gente chegar à altura, no fim depois (sic) de vender os bens da cooperativa, vender aquilo, sacar o resto da massa e o Estado desse dinheiro todo ficava com 26%, o Estado ficava com mais dinheiro cá gente (sic) todos. E atão (sic) fomos até chegar ao fim de tudo e tivemos que dividir o resto daquele dinheiro e assim depois ficamos a ser 163 a receber dinheiro, ainda recebemos 600 e tal contos cada um e pagamos o IRS do dinheiro ... e deixamos 48 mil euros que é pa (sic) dar aí, não sei se é aqui ao Centro de Dia, só se pode dar ao fim de 5 anos.

- Ai é.

- Está reservado para isso, e nós dos outros é que tivemos de pagar o IRS, 20 % desse dinheiro qué (sic) pá quilo (sic) ser dado a uma instituição ou a uma cooperativa ou a uma coisa assim. Mas isso quem cá tiver (sic) ... aquilo é uma comissão liquidatária, tá (sic) eleita que é até ao fim dos 5 anos, a escrita tem aqui o vosso colega guardada, deu-se-lhe alguma coisa para ele guardar a escrita e temos (sic) assim. Agora, agora há o outro resto que foi assim feto (sic) e só se deu por terminado tudo quando... só sobrou, ficou fora parte esse dinheiro que é pa (sic) dar e ninguém lhe pode mexer e deu-se o outro todo, devediu-se (sic) o dinheiro que havia, devediu-se (sic) e deu-se. Ninguém fez isto em lado nenhum.

- claro.

- não há a nível... eu fiz parte como eu lhe disse, aí de organização a nível regional e nunca ninguém foi capaz de fazer isto. Mas isso faz-se com muito sacrifício e foi ainda num tempo bom, porque a gente chegou a uma certa altura, se calhar metade do tempo que a gente lá teve (sic) já não arranjam nada porque as pessoas opois (sic)... a malta é assim na (sic) temos ... teve duas questões que forem (sic) fundamentais pra (sic) isto, se alguém me entrevistar sobre isso eu sei dizer porque é que isto na (sic) funcionou, primeira questão, nós os trabalhadores, os camponeses trabalhavam (sic) por conta d'outro na (sic) tavem (sic) ganhos pra (sic) isso, nem tinham (sic) condições pra (sic) isso porque nunca tinham (sic) ganhado dinheiro pa (sic) trabalhar, nunca tinham (sic) ganhado salários tão bons, nunca tinham (sic) recebido subsídios e quando receberem (sic) envaidecerem (sic), aí acabou o controle. Pronto aí não era, não havia hipótese de se organizarem, por outro lado os bens que nós recolhemos naquele tempo o objectivo era destruir, a Reforma Agrária, se vocês na (sic) sabem os vossos pais ou avós sabem, o objectivo era destruir, foi quando criarem (sic) opois a política de dentro, das cooperativas. Para mim não havia nenhuma hipótese, não se podia por disciplina ná (sic) havia leis, as leis nós é que púnhamos e as pessoas quando chegou aquela altura que eu tou (sic) a dizer, todos são donos, todos mandamos. Ora isso na (sic) chega a lado nenhum. Portanto, não há hipótese nenhuma, nem há, nem houve e mesmo cos (sic) Governos apoiassem isso tamém (sic) na havia à mesmo porque na (sic) havia condições para isso porque as pessoas na (sic) se entendiem (sic). E se os Governos na (sic) tirem (sic) as terras à força isso era tudo entregue ao fim, mais 2 ou 3 anos na (sic) havia nada, porque se as pessoas fossem obrigadas a pagar todo o dinheiro que pediem (sic) emprestado, porque há os que ficarem (sic) a dever ao Estado, na (sic) funcionavam (sic) caiem (sic) logo.

- Pois, exacto. Depois também há a questão dos mais novos já não dedicarem à agricultura, começarem a emigrar...

- Sim, aconteceu o seguinte, vocês sabem disso, que aí 50% das pessoas que opois (sic) forem (sic) estudar, não iem (sic). Se não houvesse esta liberdade pa (sic) ir e estas condições de ir, não iem (sic), tinham (sic) de vir pó (sic) campo, na (sic) vierem e fizerem (sic) eles bem, eu dei sempre esse apoio à juventude, nunca... todos os sitios onde eu tive (sic) tinham (sic) sempre o meu apoio pra (sic) isso, porque eu sabia o que tinha passado no campo e na (sic) queria que os outros passassem.

- sim, mas acaba por se perder também este meio de sustentabilidade da terra.

- sim e perdeu-se este meio, porque essas pessoas todas que trabalharem (sic) aqui na cooperativa durante esses 25 anos que tiverem (sic) tudo, as que na (sic) se reformarem (sic) e que na (sic) tiverem (sic) condições pra (sic) isso, nunca mais tiverem (sic) essas regalias e nem nunca mais ganharem (sic) dinheiro assim. E se isso fosse capaz de ser organizado era assim, mas pronto aquilo é o que eu costumo a dizer, porque aquilo foi... quem foi administrar as cooperativas foi os trabalhadores, a malta, alguma, outra, eram (sic) escolhidos e administravam (sic) e isso aí forem (sic) tirados donde tava (sic) os outros, uns calharem a ser bons, outros calharem a ser ruins. E às vezes discutia aí com os gajos que eram (sic) donos das terras e que são ainda... eles diziam “é na sabiem (sic) administrar...” opois (sic) eu dizia-le (sic) “ não, a gente veio do mesmo sitio donde vocês vierem (sic), vocês... há indivíduos que na tinham (sic) nada e arranjam (sic) fortunas e havia outros que tinham (sic) munto e estragam (sic), vocês os que arranjam (sic) à custa dos outros sabiem (sic) administrar, os que estragam (sic) o que lhe tinham (sic) dado ou deixado dos pais na prestavam (sic)”. portanto a gente é precisamente a mesma coisa, têm aí o exemplo, eles opois (sic) pra (sic) mim na (sic) podiem (sic) mexer em nada, nem podem ainda. Pronto, a situação funcionou assim, e agora...

- e agora acabou tudo.

- eu já tou à 5 anos a trabalhar pra (sic) mim, tenho ali um herdade arrendada e assim vou vivendo, porque eu já tenho 75 anos, já na (sic) se pode brincar.

- pois.

- vocês nem 25 têm ainda vejem (sic) lá.

- (.....)

- Eu tamém (sic) fui aqui Presidente da Junta e dava sempre aí as amêndoas da Páscoa às crianças, uns chocalatinhos pelo Natal e eles andavam aí a pedir os bolinhos pelos Santos, era uma tradição daqui, agora já ninguém faz nada disso.

- Falando de tradição quer-nos contar como é que eram as festas aqui em Foros de Arrão.

- As festas foram mudando tamém (sic), aqui à 50 anos atrás era duma maneira, agora é doutra.

- E como é que era aí à 50 anos atrás?

- Ainda podemos ir mais atrás, mas de qualquer maneira vamos partir daí... as festas dantes eram (sic) melhores do que agora, o o divertimento (sic) era doutra maneira, a juventude chagava aí a uma festa tava (sic) qualquer coisa a tocar num largo

começavam logo a balhar (sic), os comes e bebes era mais ou menos a mesma coisa, não era tanto como há agora, porque o dinheiro era menos.

- Antigamente as pessoas ligavam-se mais uma às outras, havia mais convívio...

- Foi isso que eu disse à bocado, as pessoas viviem (sic) mais, quer dizer acarinhavam-se (sic) mais umas às outras, na (sic) duidavam (sic) umas das outras, o que tinha menos tinha menos, o que tinha mais tinha mais, agora não, agora todos querem ter mais.

- sim, sim, é o querer mais que o outro.

- É querer sempre ter mais, opois (sic) às vezes cria-se problemas porque na (sic) podem.

- Exactamente. Você lembra-se como é que se comemorava o Carnaval por exemplo?

- Lembro, lembro. O Carnaval aqui, havia um Carnaval que era pás (sic) pessoas mais velhas, nesse o que é que faziem (sic)? Ensaivem –se (sic), vestiem-se (sic), mascarravam-se (sic), faziem (sic) tudo e arranjavam (sic) um... naquele tempo era o que havia, era um chouriço ou um bacalhau opois (sic) enfiavam (sic) tudo dentro duma caldeira velha e andavam (sic) pus (sic) montes a pedir mais. Opois (sic) faziem (sic) aquelas palhaçadas e tal e opois (sic) era comer e buer (sic). os mais novos em determinada altura era balhes (sic), começava no sábado e ia até quarta-feira, era todas as noites e todos dias, era sempre isso... uma vez tavamos (sic) num sitio a outra vez íamos pa (sic) outro, ou andávamos sempre no mesmo, era conforme. Mais tarde começarem (sic) atão (sic) a fazer grupos, nesse tempo chamavam-lhe (sic) contradança, andavam (sic) a balhar (sic) aí pas (sic) ruas, opois (sic) também traziem (sic) um saquinho de pão pa (sic) por lá qualquer coisa dentro e opois (sic) mais tarde... opois começaram a vestir-se doutra maneira (sic)... eu quando tava (sic) aqui na Junta ainda dei dinheiro pa (sic) comprar um fato e tal pa (sic) fazer o Carnaval e agora... agora já na (sic) é quase nada.

(.....)

- E o Natal, lembra-se como é que era o Natal, se era mais em família, se era entre as pessoas, como é que era?

- O Natal era mais em família, havia também (sic) essas pessoas que tavem (sic) em casa a conviver e opois (sic) aí pa (sic) meia noite ou mais vir onde é que havia balhes (sic) e vinhem (sic) aos balhes (sic) até de manha, até com sol naquele tempo.

- Então e diga-me outra coisa, aqui os Foros têm um Santo Padroeiro não tem?

- eu na (sic) percebi munto (sic) de santas nem de santos, eu percebo pouco disso, mas sei que havia aí qualquer coisa que era a Nossa Senhora na sê do quê (sic) (.....)

- Depois das festas vamos passar para os seus últimos anos de trabalho, a agricultura.

- Últimos até agora, ainda na (sic) são os últimos. Agora na (sic) sou agrário, sou agricultor e vou produzindo par aí umas coisas para mim, tenho um rabanho (sic) de gado, de ovelhas, faço arroz, faço cereais, tenho um tractor ou dois, tenho tamém (sic) um carro para andar lá e outro pa (sic) passear e trabalho ali e passos lá quase todo o dia, quando me é permitido e ando entretido. Na (sic) ando aí na má vida como alguns e penso que vou assim até cair porque gosto do que faço, quando não poder caio. A minha vida é assim há cinco anos.

(.....)

Anexo II – Entrevista Completa da Sra. Albertina

Entrevista C

D. Albertina

- Vamos dar inicio à nossa entrevista com a D. Albertina.
- Dona Albertina de onde é que era a sua família, a profissões, que estudos é que eles tinham.
- O meu pai era mesmo daqui e a minha mãe era do Chouto. Tenho duas irmãs e comigo somos três.
- Então e lembra-se quando é que surgiu aqui a electricidade?
- Olhe eu não tenho a certeza, mas já foi depois do 25 de Abril, porque acho que a minha avó já não chegou a ver a luz. Quando ela morreu já andavam por aí a meter os fios e isso assim (sic). Portanto foi isso assim.
- Então e água?
- A água foi mais ou menos na mesma altura.
- Então e antes disso como é que faziam sem electricidade, sem água?
- Acendíamos um candeeiro a petróleo ou uma candeia com azeite e depois acendíamos à ponta. Íamos ali á fonte ali ao vale buscar água com uma bilha (sic).
- Então e as higenes como é que faziam?
- As higenes... lavávamo-nos dentro de um alguidar porque não havia casa de banho. E as casas de banho eram assim por aí por onde a gente se podia esconder (sic).

- Então quando era pequenina lembra-se dos brinquedos que tinha, como é que brincava?
- Oh (sic), tínhamos pouquinhos (sic), uma bonequinha de trapos que a minha mãe fazia, era assim uns bonequitos desses (sic) e fazíamos assim uns carrinhos de madeira com rodinhas de cortiça e depois metiam assim um pauzinho pa gente (sic) brincar... era assim.
- Então e jogos como é que era, juntavam-se e jogavam...?
- Sim, sim, mas isso já era assim maiorzitas (sic). a gente jogava à pedrinha, jogávamos ao avião, era esses jogos assim. Ao jogo do esconder, ao rato e ao gato, era isso assim , esses jogos assim.
- Então e depois foi para a escola?
- Sim e depois fui para a escola com uma malinhas daquelas... uma malinha feita de pano que a minha mãe fazia, assim com duas alças, tinha lá uma pedra, chama-se uma ardósia né (sic)..., pois um caderno e a gente lá ía para a escola a pé..., mas muitas vezes descalça, só não andava descalça no Invern, agora no Verão, no Verão íamos sempre descalços a saltar aí por dentro dessas poças de água e dessas coisas assim.
- E lembra-se onde é que era a escola?
- A escola era ali em baixo num monte, que lhe chamavam o monte do Jaquim das Barreiras (sic). foi onde eu comecei na escola.
(_____)
- E usava bata?
- Usava.
- Uma batinha branca?
- Sim, era uma batinha branca, isso usávamos.
- Então e as aulas que tinham eram rapazes para um lado, raparigas para o outro, era todos juntos, como é que era?
- Quando eu comecei era assim, as raparigas távamos cá por baixo (sic) e os rapazes por cima, no primeiro andar, estávamos divididos. Depois quando foi na terceira classe, que só fiz a terceira classe é que já era tudo junto, tudo misturado (sic).
- Só fez até à terceira classe foi?
- Sim, só fiz até à terceira.
- E os livros. Lembra-se dos livros que tinha?
- Lembra-me, lembra-me dos livros mas agora já não sei dizer o nome deles. Tinha um livro, tinha uma gramática, uma geografia...

- Já tinham geografia?
- Tínhamos sim senhora (sic) e eu era uma faia para isso, era burra era nos ditados. Agora para fazer problemas, fazer contas, fazer essas coisas todas, sabia fazer. Só havia uma pessoa igual a mim dentro da escola e tu conheces... conheces não sei, o filha do ti Armindo Grande (sic), o Tonho Ajuda (sic).
- Conheço, conheço.
- Só esse. Fizemos exame, porque dentes era um exame, quando a gente fazia era exame, fizemos um exame os dois juntos no mesmo dia, eu fiquei ao lado dele, porque queriam ficar ao pé de mim, uns ao pé de mim e outros ao pé dele. Afinal eu dê (sic) cinco erros e três... como é que se diz, cinco erros e três quartos no ditado, só podíamos dar três, mas o professor opois (sic) passou-me, e os problemas e tudo na tava (sic) com atenção, tava (sic) é com a cabecinha no ar para vir para a brincadeira, era cabecinha no ar. Erro um problema, olho assim pó Tonho da Julha (sic) vejo aquilo assim, toca a apagar, olho para o problema, chiiii (sic) uma coisa tão (sic) simples, faço aquilo muito à pressa e o professor lá à frente apercebeu-se disso. Mas... nisso era uma faia, as linhas, as linhas rectas, aquelas coisas... eu sabia isso tudo tão bem, tão bem, tão bem. Eu ensinei as minhas filhas nisso, mas agora não me perguntem que eu agora já não sei.
- E os professores, lembra-se dos professores que tinha, eram daqui?
- os professores não eram daqui, a minha professora quase sempre, sempre, foi sempre uma professora que era a D. Lucília e o professor dos rapazes era o Mário, chamavam-lhe o Mário Barriga. Nem sei se esse homem já morreu...
- Já, já.
- E os castigos, teve castigos?
- Logo no primeiro dia que entrei para a escola levei logo... levei logo não sei quantas reguadas.
- Então?
- Ohhh (sic) portei-me bem, pronto as mais velhas... aquilo era as carteiras e não cabíamos todas... aquelas que entravam tinham um banco comprido e sentavam lá a gente todas. Eu tenho muita cócega, ainda hoje tenho cócegas né (sic) meteram-me no meio de umas poucas, puseram-se de brincadeiras comigo a fazer-me cócegas eu comecei aos gritos... a professora tava (sic) lá em casa, naquela casa onde a Rosa Sequeira tava (sic) foi lá e bateu-me... pronto levei logo seis reguadas.
- E além das reguadas o que é que havia mais?

- Ohhh ponteradas (sic), pontera, aquela cana muita comprida (sic), ela tava lá sentada na carteira e chagava lá a cima d'agente (sic), a cana-da-índia e era mais ou menos assim.
- Depois a partir daí deixou a escola e foi trabalhar, não?
- Sim.
- Com que idade é que começou a trabalhar?
- Nove anos.
- E o que é que fazia?
- O que é que eu fazia? Atão (sic) apanhava uma vizinha que morava aqui numa casa aqui ao cimo, acompanhava-a aí por o caminho a baixo para ela não ir sozinha e depois lá ajudava-a lá a fazer o comer (sic).
- Mas onde é que fazia o comer?
- Íamos daqui para o Arrão de Santa Maria, foi quando começaram lá a fazer aquelas casas do Arrão de Santa Maria e aquelas estradas, e depois o meu tio é que tava ali (sic), o meu tio Zé e precisavam de uma cozinheira para fazer a cozinha para os homens que os homens andavam lá a abrir as estradas porque dantes faziam tudo era à mão, faziam aquilo tudo era à mão. Precisavam para lá de uma mulher, e aquilo era quantidade de homens e não ía para lá uma mulher sozinha e o meu tio disse para a minha mãe “olha deixas ir a Albertina que ela vai mais a Maria Rosa, e elas vão para lá as duas” e opois (sic) pagavam-me (sic) o mesmo que a ela. Íamos as duas a pé para lá, eu ia à fonte, a fonte era ali pertinho, ia à fonte mais ela (sic) e... pronto fazíamos o lume, fazíamos o comer e tavamos lá (sic), depois quando era da parte da tarde, ela ia para lá cavar mais eles e eu tamem (sic), mas eu pouco fazia, e era assim. O meu patrão era o Júlio da Fonseca Mendes.
- Esse senhor chegou a ser Secretário da PIDE DGS.
- Então e o que é que costumada fazer para os senhores comerem?
- Lá para os trabalhadores fazíamos aquilo que eles levavam. Numa panelinha de barro.
- Eles é que levavam e vocês é que faziam?
- Cada um levava a sua panelinha lá de casa, por exemplo para o almoço... a gente começávamos a trabalhar ao nascer do sol, íamos comer às dez horas e depois às duas... às dez horas tínhamos uma hora e depois ao meio dia tínhamos hora e meia, ou quando era no verão eram duas horas e meia, era a sesta... pronto de manha para o almoço uns levavam batatas outros levavam feijão-frade e depois para quando era para o jantar (sic) que como a gente chamava, que era o almoço e o jantar depois à noite era a ceia, já uns

levavam couves com carne e isso assim, outros era couve com feijão, já era assim um bocadinho melhor. Mas mal temperado, na (sic) pense lá que isso era muito bem temperado.

- Era aí que eu queria chegar, explique lá como é que era o comer dessa altura, é isso que nós queremos saber.

- Então por exemplo, ao almoço levavas as batatas não era... fazíamos as batatinhas lá dentro da panela, depois tirávamos para dentro dum (sic) prato ou para dentro de uma tigela depois temperávamos como um fiozinho de azeite e um fiozinho de vinagre quem gostasse não era.

- E conduto?

- Conduto... uns levavam uma sardinha, outros levavam um bocadinho de bacalhau, outros levavam um ovo cozido e outros às vezes nem levavam nada. Esses que não levavam nada comiam as batatas e olhavam e comiam com umas azeitonas e com pão de milho. Pois, não era pão de trigo era pão de milho. Depois quando era ao jantar, como a gente lhe chamava, por exemplo era as couves com carne, era as couves com uma batatita com um bocadito de toucinho, um bocadito de chouriço se havia, um bocadito de farinheira ou isso assim se havia, mas muitas vezes era só com um bocado de toucinho... e era assim.

- E era assim que passavam a trabalhar de sol a sol.

- Pois e a trabalhar de sol a sol. Eles davam meia hora à gente, a mim e à Maria Rosa porque a gente vinha a pé lá de baixo e eles vinham na bicicleta, davam meia horazita (sic) à gente e a gente vinha aí por isso acima (sic) a correr as duas atrás uma da outra. Ela podia correr e eu também e corríamos as duas aí por isso acima atrás uma da outra e opois (sic) vinham, despegavam e às vezes ainda apanhavam a gente (sic). Porque lá debaixo de Santa Maria era muita longe, eram aí 20 Quilómetros. Fazíamos isso todos os dias de manhã e à noite, eram aí 40 Quilómetros todos os dias. Pois... mas naquela altura tava (sic) magrinha... assim como vocês, era sempre a correr para a frente.

- Então e vestuário, o que é que habitualmente vestiam?

- Vestíamos umas cirolas (sic) de ganga, feitas com um bocado de ganga azul, as nossas mães faziam ou a gente quando começávamos a saber cozer e depois fazíamos. E depois vestíamos uma saíta (sic) por cima e uma blusita, um lenço na cabeça, um chapéu e era assim... um casaquito se tínhamos, se na (sic) tínhamos às vezes andávamos só com a blusita...

- E os sapatos, nessa altura já tinham?

- os sapatitos...era um sapatito, outras vezes era assim uma botinha de borracha... lá isso o meu pai tinha muito cuidado, chegava a ir daqui a Montargil, porque aqui não havia lojas que tivessem e ele comprava lá uma botas de borracha que era para as filhas não irem para dentro de água descalças... isso foi sempre, isso foi sempre muito cuidadoso, sempre muito nosso amigo, lá isso foi... agora quando era no Verão não fazia caso d'agente andar descalças, ele também andava coitado.

- D. Albertina desculpe lá, a roupa e o calçado das mais velhas ficava para as mais novas?

- Sim, tudo, tudo. Tudo o que sobrava das mais velhas ia para as mais novas, quando deixava de servir à mais velha a mais nova aproveitava porque tinha mesmo que ser assim... a gente fazia as nossas roupas...

(_____)

- Fazíamos também a nossa combinação, porque a gente depois quando íamos trabalhar usávamos assim uma saia mais comprida e depois tínhamos as combinações, dobrávamos a combinação e dobrávamos isto assim muito bem dobradinho, assim, assim, com um aventalinho (sic) e fazíamos aqui um laçarotezinho (sic) aqui atrás, depois atávamos, aqui metíamos o lençinho e andávamos assim...pois e bem azadinhas (sic). aquela traje era muito bonito, muito jeitoso. Eu quando comecei a trabalhar não era assim... pronto levava a saíta (sic) e a minha colega também não era assim, também não andávamos assim... mas quando andávamos aí dentro do arroz era assim, o Isidro lembra-se que era assim... arregaçávamos assim a saíta (sic) e andávamos assim.

(_____)

- Já agora, depois quando essas roupas estavam estragadas não se deitavam fora, serviam para fazer rodilhas não era?

- Rodilhas, era isso mesmo, aproveitava-se tudo até ao fim. As rodilhas eram os panos com que nós limpávamos as madeiras... que se limpava a loiça... que se limpava essas coisas todas.

- Então depois desses trabalhos todos começaram os namoricos.

- Pois, é verdade.

- Então com quantos anos é que começou a namorar?

- Eu já nem me lembro. Eu já sou tão (sic) velha que já nem me lembro. Prái (sic) com uns quinze anos.

- Então e tinham dias marcados para o namoro?

- Não, não, não, com essas idades não tínhamos cá dias marcados, porque isso os nossos pais não deixavam. Namorávamos mas íamos prái (sic) pós (sic) bailes. Ali para a porta do Isidro...

- Que era a Praça de Jorna.

- Sim, que era a Praça de Jorna, porque a gente ao Domingo... trabalhávamos ao Sábado também, antigamente trabalhava-se também ao Sábado. No Domingo de manhã levantávamos-se, íamos lavar a roupinha ali pá (sic) presa, com um alguidarinho (sic) à cabeça, íamos lavar a roupinha, púnhamos a roupinha a enchogar... mentira, tou a mentir. De manhã levantávamos-se ... eu na minha casa era assim... íamos para a horta, cavar uma gavela e ajudar o meu pai, a minha irmã mais nova ficava quase sempre em casa porque era a mais novita (sic)... íamos para a horta, no fim vínhamos de lá, íamos lavar a nossa roupa, depois vínhamos e jantávamos, era o jantar lá para as duas ou três horas... jantávamos e depois íamos lavar-se, pronto não era tomar banho, lavávamo-nos na bacia com um esfregão... penteávamos-se aí com os cabelos todos lavadinhos, tudo bem arranjadinho e íamos prá li (sic) para a Praça e vinha prá li um senhor que até já morreu, os dois, o ti Romão e o ti Manel Certeza (sic) tocar concertina e juntava-se ali as raparigas, os rapazes e os patrões que precisavam das raparigas para ir trabalhar. Depois ali é que os patrões iam falar a esta e aquela e à outra... isto no Verão, no Inverno não era assim. No Inverno íamos para as Noitinhas, pás Alminhas (sic) arrancar mato e dormíamos lá, levávamos um cestinho com umas peçazinhas de comer dentro do cesto e dormíamos lá e depois só vínhamos ao Sábado... e era assim.

(_____)

- Depois casei, tive as minhas filhas.

- Teve quantos filhos

- Tive duas raparigas... depois separamos-se (sic) e depois fiquei em casa dos meus pais... e depois a minha madrinha que gostava muito de cozinha, fazia as matanças e eu ia lá ajudar. Porque quando se matava o porco era um dia de festa.

(_____)

- E voltando aqui até aos seus filhos, eles estudaram?

- Sim até ao nono ano.

- E como é que eles ocupavam os tempos livres deles?

- Já tinham mais uns brinquedos, mas também não tinham muitos porque eu fiquei separada com uma filha pequenina e outra ainda na barriga... portanto foi os meus pais é que as criaram.

- E lembra-se se as suas filhas nasceram em casa, se foram nascer ao hospital?
- A minha filha mais velha nasceu no hospital em Montargil e a mais nova em casa. Sim... porque a mais velha deu-me muito trabalho, tive aquase (sic) quarenta e oito horas para ela nascer, mas não foi culpa minha, foi culpa da parteira, parteira que não é nenhuma parteira com estudos era uma curiosa, porque dantes chamavam as parteiras para ir a casa. Eu não digo que elas não saibam, mas aquela senhora foi... eu, a minha tia... foi três pessoas ou quatro da minha família que aquela parteira nunca conseguiu fazer o parto a gente. Ela ainda veio aqui e casa e fez-me tar (sic) aqui quase quarenta e oito horas e só depois é que eu fui para o hospital...

(_____)

- Depois os seus filhos cresceram e como é que era a alimentação deles?
- Já era assim um cadinho (sic) melhor... já havia... bom isso na casa dos meus pais sempre houve leite que a gente tinha cabras, tínhamos ovelhas... assim muitas ovelhas não, era assim uma ovelhita ou duas, tínhamos cabras e tínhamos isso assim e íamos-se (sic) governando assim. Isso os condutas assim de manhã nunca foram assim muito ruins... os meus avós até nem se governavam muito mal, mas pronto a gente... isso a alimentação não era como hoje... não havia esses Nestuns (sic) essas coisas assim, porque dentes (sic) não havia cá essas coisas assim.
- E os vestuário deles já era...
- Já era assim um bocadinho melhor...
- Eles ainda usaram traje Domingueiro?
- Usavam...
- Ao Domingo vestiam um fato melhor.
- Isso até a gente... a gente durante a semana tínhamos uma um traje de trabalho, que era uma ordenzita de roupa (sic) , mas eu mais as minhas irmãs aquase (sic) sempre tínhamos duas ordenzitas (sic) de roupa. Eu e muitas outras pessoas, havia quem não tivesse na (sic) era. Havia quem chegasse à noite, despisse a roupa e as mães fossem lavar e depois pusessem a enxugar ao lume, pa (sic) no outro dia vestirem, mas eu graças a Deus isso não, nem eu nem as minhas irmãs graças a Deus. Agora as minhas filhas já tinham outras... já tinham uma roupita melhor... já andaram sempre calçadas, isso o mê pai (sic)... as meninas não podiem (sic) por um pé no chão... e elas gostavam tamém (sic) muito de andar descalças, mas ele não queria que as miúdas andassem descalças, mas pronto já tinham assim outras roupitas melhores. Ao Domingo... já tinham e já respingavam (sic), já queriam certas coisas... pois.

- E depois segundo eu sei surgiu aí a reforma agrária...

- Sim.

- Conte-nos lá um bocadinho do que se lembra.

- Olha... o que é que eu me lembro? Da (sic) andar aí feitos tontos com paus atrás uns dos outros e a correr aí por esses cabeços. Íamos aqui pós (sic) cortadores... juntavam-se ali todos à espera de aparecer os patrões e os donos daquilo e a gente ali todos com paus e às vezes os patrões aparecerem lá de longe e a gente abalar... eu nunca abalei atrás de ninguém... eu sou sincera, eu tinha muita (sic) medo, eu tava (sic) lá só a fazer o de junto (sic) que eu tinha muita (sic) medo. Quando os via vir, isso tinha medo e levantava-me, mas lá fugir atrás das pessoas com pais e isso assim não. Pronto, passávamos ali grandes dias ali sentados à espera pa (sic) tirar a terra pra (sic) eles darem a terra a gente... a gente não queria a terra, a gente só queria era lá trabalhar.

- Nessa altura não havia trabalho não era?

- Não havia trabalho, tava (sic) tudo em casa, só os nossos pais é que trabalhavam e pouco, e pouco. Trabalhavam para o tio do Isidro, pró ti Antónho (sic) Tomé, outros assim pó (sic) Manel (sic) Florindo, outros tinham assim uma searitas de arroz trabalhavam e as mulheres era só quando era plantar o arroz e de Inverno no mato. Depois começou a haver aquilo e a gente começou a querer ir práli (sic), a gente queria era trabalhar... pronto mas eles na (sic) queriam deixar a terra... mas a gente sofreu muito com isso. Depois no fim já d'agente (sic) ali tar (sic)abalávamos ali pra (sic) essas... pra(sic) Portalegre e pra(sic) esses lados e assim e fazer aquelas revoluções naqueles tractores... oi mãe (sic), tanta coisa que aconteceu... credo. Quando foi aquilo ali das Almoinhas, a gente ali na Ponte de Sôr, todos ali à porta do Tribunal... tudo ali, vem aqueles cães, aquele gente toda, aqueles guardas todos a bater neste e a bater naquele e agente tavamos (sic) cá atrás, fugirmos (sic) todos lá pra (sic) dentro da casa duma velhota para fugirmos à porrada.

(_____)

- Andávamos todos a lutar pelo posto de trabalho. Depois lá conseguimos ficar ali com aquilo, práli (sic) andemos(sic). Depois chegamos a ir de noite para Portalegre com uns papelões enfiados na cabeça com umas coisas escritas à frente e atrás... de noite... ai meu Deus. Houve lá um dia, eu nesse dia na (sic) fui, foram também (sic) lá todos a todos a correr, a guarda avançou lá junto com eles, todos a correr.

(_____)

- A gente sofreu muito, mas depois tavamos (sic) ali bem, depois ali aquilo era bom.

- Depois trabalharam muitos anos, tinham as suas regalias sociais, tinham descontos...
- Pois, depois tavamos (sic) ali bem, foi ali que começamos a ter descontos para a caixa, foi ali que a vida começou a melhorar alguma coisa, que... hoje se temos (sic) alguma reforma, se temos alguma coisa a isso agradecemos, eu já era sócia da Casa do Povo, mas... pronto, as regalias que temos da caixa e isso assim começou ali. Depois começamos a descontar, descontávamos poucachinho (sic) mas... pronto descontávamos aquilo que era naquela altura, chagávamos ao fim do ano e às vezes não havia trabalho, íamos pó (sic) desemprego, foi ali que a gente começou a ter direito ao desemprego e essas coisas assim...
- A acha que valeu a pena? Foros do Arrão desenvolveu-se muito com a reforma agrária.
- Valeu, valeu, valeu a pena e foi pena acabar, valei sim senhora. Valeu a pena porque hoje há aí muitas pessoas que já morreram e outros que ainda estão vivos claro que não tinham aquilo que têm hoje. Desde que as cooperativas acabarem (sic) a nossa terra não é nada hoje.

(_____)

- A nossa terra tá (sic) muito morta porque não há trabalho, a gente antigamente quando era nesta altura, quando foi nessa altura a gente trabalhávamos durante o Verão, durante o Inverno tavamos (sic) alguns meses em casa, era verdade, mas tamém (sic) não tavamos (sic) muito e às vezes tamém (sic) nem tavam (sic) todas, às vezes algumas iam fazer limpezas, fazer essas coisas... e depois pó (sic) resto já trabalhávamos sempre, já na tavamos (sic) no desemprego. Havia evolução nas coisas, agora não. Depois fez-se ali a cooperativa de consumo que deu muita (sic) alma a isto e foi muita (sic) bom, foi pena acabar pois. Agora estes mais novos, esta gente mais nova já não conhecem isso e pensam que é mentira muitas coisas.

(_____)

- Depois pó (sic) fim aquilo já era bom, começamos a ir páquelas (sic) Conferências, páqueles (sic) Comícios, aquilo já era bom. Íamos pás (sic) Conferências pa (sic) Évora, já era bom, e aprendia-se muito e íamos passear. Pó (sic) fim até já tínhamos um autocarro pa (sic) nos levar. Era muita (sic) bom, mas tudo acaba.

(_____)

- Então depois vem as festas, conte lá como é que era as festas aqui nos Foros?
- Dantes quando eu era rapariga também fazíamos grandes contradanças, quando era po (sic) Carnaval. Fazíamos aquelas marchas, parecia as marchas de Lisboa, fazíamos

aquela dança e depois tínhamos aquela roupa, umas saias com flores, fazíamos aquilo com papel, fazíamos uns chapéus, uns faziam de palha, outros faziam de cartolina, eu tinha muito jeito para fazer aquelas coisas de cartolina, aqueles arcos todos enfeitados e depois corríamos aqui as ruas todas a cantar e a dançar a marcha aí por isso abaixo. Havia também (sic) os meios-dias santos, isso era muita bom. Os meios-dias santos que era à quinta-feira e à sexta que era os dias santos. Só íamos trabalhar à quinta de manhã e à sexta do meio-dia pá (sic) tarde, às vezes à sexta do meio-dia pá (sic) tarde já não íamos. Na quinta-feira íamos trabalhar meio-dia, depois vínhamos, passávamos lá com o esfregão a lavar-se, vestíamos a nossa roupa melhor e íamos ali pó (sic) Largo do Fontes que era tudo de terra e ali se juntávamos todos, os rapazes e as raparigas, jogávamos aos casalinhos, ao lenço, fazíamos aquelas rodas, brincávamos aquele dia todo, aquela tarde toda. Na sexta feira de manhã levantávamos-se e íamos logo para lá a correr outra vez pa (sic) ir brincar. Depois era só os dias feriados que havia, era esses e era o Corpo de Deus, a gente não tinha mais feriados nenhuns, depois quando foi o 25 de Abril era atão (sic) o Natal e os Santos, isso é que era, mas de resto não tínhamos mais feriados nenhuns. Dantes também (sic) não tínhamos mais nada.

(_____)

- Depois comecei a ir trabalhar para Alpiarça, organizava aqui ranchos e íamos para lá plantar tomate, trabalhei lá ainda uma porção de anos, mas aqui a minha perna começou a andar aleijada e eu tive que deixar e agora olha...

- E agora é reformada?

- Mas depois de deixar de ir trabalhar para Alpiarça ainda tive uma loja aqui nos Foros. E pronto agora tou (sic) reformada.

- E como é que ocupa o seu tempo livre?

- Olhe a fazer uns bordados, a fazer umas rendas, a fazer assim umas coisas e pronto... e é assim que eu passo o tempo, estendo a roupa à minha filha e pronto, tratar das galinhas e dos cães e é assim que eu ocupo...

- Então e agora que está em casa do que é que sente mais falta?

- O que é que eu sinto mais falta? Ah... é a companhia do meu pai e da minha mãe, porque tou aqui sozinha.

- Pois, a solidão é o pior.

- Pronto Dona Albertina muito obrigada pela disponibilidade, foi muito bom falar consigo este bocadinho. Muito obrigado.

- Já sabem no que eu vos puder ajudar é só dizerem.

